

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**



**PERCEÇÃO DE ATLETAS SOBRE OS APOIOS SOCIAIS
OFERTADOS PARA PRÁTICA DO RUGBY EM CADEIRA DE RODAS**

MARCO ANTÔNIO GUEVARA BECERRA

São Carlos

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**PERCEPÇÃO DE ATLETAS SOBRE OS APOIOS SOCIAIS
OFERTADOS PARA PRÁTICA DO RUGBY EM CADEIRA DE RODAS**

MARCO ANTÔNIO GUEVARA BECERRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Especial do CECH como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Especial.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Maria Simões Martinez.

Financiamento: CAPES

São Carlos

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

GUEVARA BECERRA, MARCO ANTÔNIO

Percepção de atletas sobre os apoios sociais ofertados para prática do Rugby em Cadeira de Rodas / MARCO ANTÔNIO GUEVARA BECERRA. -- 2018.

75 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Claudia Maria Simões Martinez

Banca examinadora: Claudia Maria Simões Martinez, Mey de Abreu Van Munster, Regina Yoneko Dakuzaku Carretta

Bibliografia

1. Redes de Apoio. 2. Rugby em Cadeira de Rodas. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Marco Antonio Guevara Becerra, realizada em 26/02/2018:



Profa. Dra. Claudia Maria Simões Martinez
UFSCar



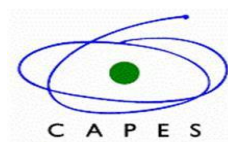
Profa. Dra. Mey de Abreu Van Munster
UFSCar



Profa. Dra. Regina Yoneko Dakuzaku Carretta
USP

APOIO FINANCEIRO:

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE ENSINO
SUPERIOR



AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais Marco Antonio Guevara Ríos e Rita Teresa Becerra Quiroz por todo o bridando ao longo de minha aventura em Brasil, pelo amor e confiança, pelas palavras de apoio nos momentos difíceis. A minha irmã Luz Gabriela Guevara Becerra por ser uma fonte de motivações para ser melhor cada dia.

À mis primos Rodrigo y Uriel Soto Becerra por ser un ejemplo a seguir, por los consejos durante mi maestría y por las palabras de aliento en los momentos de dificultad.

À meu amigo Eduardo Gonzalez, pelas conversas, palavras de apoio em cada momento que o precisei.

Aos meus amigos Rafael Vilas Boas Garcia e Ana Paula Aporta pelos bons tempos, sorrisos, paciência, incentivo e, sobre todo, pelo apoio o que me fez sentir em casa.

À Gabrielle Sanchez, pela amizade, que me deu a oportunidade de conhecer sua família e abrir as portas de sua casa para um estranho. A Mayara Erbes Ranzan pelas discussões e sorrisos em tudo momento.

À Taylor Lavinsky, Tarcísio Bitencourt e Talisson Chaves, pela amizade, concelhos, sorrisos, bons momentos e as piadas que meu permitiu conhecer um pouco melhor a grandeza do brasileiro.

À minhas amigas Estefa, Carlota, Katya, Jamile, meus amigos David, Camilo e todos meus companheiros e companheiras que tive o prazer de conhecer ao longo da minha estadia no Brasil e que fizeram uma melhor experiência em cada momento.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À professora orientadora Dra. Claudia Maria Simões Martinez, por tudo o que ela fez por mim durante meu mestrado, pelo apoio e dedicação, pelos conselhos e construir em mim uma nova visão para meu futuro dentro e fora da minha vida como profissional.

À Doutora Mariana Gurian Manzini, por ser um exemplo a seguir como estudante e profissional da Educação Especial, pelo apoio, conselhos e dicas para a realização de meu mestrado.

Às todas as professoras e colegas do PPGEES que tive o prazer de conhecer e tive a oportunidade de assistir seus cursos, pelos novos conhecimentos e experiências únicas.

À Eliane, Debora e Marcos, funcionários do PPGEES pelas constantes mostras de apoio e ajuda quando eu precisava.

À Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras e à Organização dos Estados Americanos pelas facilidades e a oportunidade de cursar um mestrado em Brasil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 Apoios Sociais e as Redes de Apoio.....	02
1.2 Rugby em Cadeira de Rodas: apoio para pessoas com deficiência física.....	74
2 OBJETIVO.....	13
3 MÉTODO.....	14
3.1 Características da Pesquisa.....	14
3.2 Considerações Éticas.....	14
3.3 Seleção da Amostra.....	15
3.4 Participantes.....	15
3.5 Local.....	15
3.6 Materiais e Equipamentos.....	17
3.7 Instrumentos de coleta de dados.....	17
3.8 Procedimentos de coleta de dados.....	19
3.9 Análise, tratamento e organização dos dados.....	19
4 RESULTADOS.....	20
5 DISCUSSÃO.....	36
6 CONCLUSÃO.....	43
7 REFERÊNCIAS.....	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Primeiro contato com o RCR.....	21
Quadro 2 -	Motivação para praticar o RCR.....	23
Quadro 3 -	Identificação do (s) apoio(s) e seu(s) contexto correspondente(s) para a prática do RCR.....	24
Quadro 4 -	Outros apoios relacionados à prática do RCR.....	26
Quadro 5 -	Percepção dos participantes sobre os obstáculos mais frequentes para a prática do RCR.....	28
Quadro 6 -	Justificativas para as situações de compensação pelo apoio recebido.....	29
Quadro 7 -	Quadro 7 - (In)Existência de relação entre os apoios recebidos.....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização dos Participantes.....	16
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Contextos e a frequência de palavras mencionados pelos atletas.....	27
Figura 2 -	Rede de Apoio – Dados referentes ao participante.....	35

ANEXOS

Anexo A - Parecer do Comitê de Ética da UFSCar	51
---	-----------

APÊNDICES

Apêndice A -	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	55
Apêndice B -	Roteiro de entrevista.....	56
Apêndice C -	Cálculo para índice de concordância.....	57

Resumo

A literatura tem atestado a relevância e influência dos apoios para a promoção do desenvolvimento humano em suas distintas dimensões. Entende-se por “apoios sociais” todas as estratégias, ferramentas, adaptações para participação em programas públicos e privados, atividades e recursos que têm sido ofertados às pessoas em seus distintos contextos ao longo de sua formação social, educativa e pessoal. As Redes de Apoio (RA) têm um importante papel para favorecer o desenvolvimento das pessoas. A presente pesquisa, de abordagem qualitativa, teve por objetivo descrever e analisar a percepção de atletas com deficiência física sobre os múltiplos apoios recebidos e oferecidos para a prática do Rugby em Cadeira de Rodas. Foram analisadas 10 entrevistas semiestruturadas concedidas por jogadores de rugby em cadeira rodas (RCR). Buscou-se conhecer os efeitos dos apoios ofertados pelas pessoas, serviços e programas para a prática do esporte buscando-se apreender a percepção de cada participante. Os dados foram analisados identificando-se núcleos de questões presentes nas entrevistas com foco nos apoios e a percepção dos mesmos. Os resultados informam que os apoios mais mencionados e citados como mais importantes para a prática do esporte foram do contexto familiar; pai, mãe e membros da família. No contexto esportivo, os atletas destacam os apoios advindos dos clubes, equipes, staffs, treinador, time, com valorização para o espaço de treino, oferta de academia, disponibilização de técnicos profissionais e do apoio dos staffs. Os atletas destacaram a importância do apoio ofertado por profissionais especializados e capacitados para promover sua participação no esporte. Outros contextos citados pelos atletas como fontes favorecer o acesso à prática do RCR foram contexto clínico e o contexto da saúde. Os atletas mencionaram o apoio governamental advindo do programa ministerial intitulado, Bolsa Atleta. Apoios informacionais e apoio de natureza infraestrutural foram bastante valorizados. As principais motivações para a prática do esporte situam-se predominantemente no campo da realização de um desejo pessoal: a melhora da sua saúde, a promoção da qualidade de vida, a busca por melhores condições físicas e o desejo de reabilitar-se. Os atletas avaliam que os obstáculos para a prática do RCR centram-se no apoio financeiro e a falta de uma infraestrutura esportiva e social não provida pelos contextos governamentais. A partir dos resultados são discutidas as redes de apoios ofertados para a prática do RCR, sua importância e efeitos na vida das pessoas. Acredita-se que a identificação das redes de apoio, suas conexões e a identificação de seus efeitos nos diferentes contextos de vida das pessoas com deficiência possam fornecer subsídios para políticas públicas.

Palavras-chave: Apoio, Redes de Apoio, Rugby em Cadeira de Rodas.

ABSTRACT

The literature has attested the relevance and influence of the supports for the promotion of human development in its different dimensions. "Social support" means all strategies and tools, adaptations of participation in public and private programs, activities and resources that have been offered to people in their different contexts throughout their social, educational and personal formation. The Support Networks (SN) have an important role to favor the development of the people. The present qualitative research aimed to describe and analyze the perception of athletes with physical disabilities on the multiple supports received and offered for the practice of Rugby in Wheelchair. Ten semi-structured interviews of wheelchair rugby players (RCR) were analyzed on the effects of the support offered by people, services and programs for the practice of the sport in order to apprehend the perception of each participant. The data were analyzed identifying nuclei of questions present in the interviews with focus on the supports and their perception. The results indicate that the most mentioned and cited support as most important to the practice of sports were from the family context; father, mother and family members. In the sporting context, the athletes highlight the support provided by clubs, teams, staffs, coaches, team, with appreciation for the training space, offer of academy, availability of professional technicians and staff support. The athletes emphasized the importance of the support offered by specialized and qualified professionals to promote their participation in the sport. Other contexts cited by athletes as sources favoring access to RCR practice were clinical context and the context of health. The athletes mentioned the government support coming from the ministerial program entitled, Bolsa Athleta. Informational support and support of infrastructural nature were highly valued. The main motivations for the practice of sports are predominantly in the field of personal desire: improvement of health, promotion of quality of life, the search for better physical conditions and the desire to rehabilitate. Athletes assess that the obstacles to RCR practice focus on financial support and the lack of sports and social infrastructure not provided by government contexts. From the results are discussed the networks of support offered for the practice of RCR, its importance and effects on people's lives. It is believed that the identification of support networks, their connections and the identification of their effects in the different life contexts of people with disabilities can provide subsidies for public policies.

Keywords: Support, Support Networks, Wheelchair Rugby

APRESENTAÇÃO

Estudei a licenciatura em Educação Especial motivado pelas palavras de Baden Powel¹ que são “*deixar o mundo um pouco melhor do que o encontramos*” as quais tem ainda uma influência muito grande na minha vida, já que a partir da minha estadia nos escoteiros me ensinaram a servir, ajudar e apoiar ao próximo e intentar ser uma melhor pessoa para o mundo.

Durante meus estudos da licenciatura se formou o interesse de ser um profissional mais preparado na área profissional, onde comecei a procurar onde poderia alcançar minhas metas e desafios planejados. Ao término da minha graduação achei pertinente trabalhar para poder conhecer e entender melhor o que eu queria pesquisar e como deveria fazer para conseguir isso.

Trabalhei em uma cidade com uma população não maior de 1500 habitantes, dos quais 23 crianças eram meus alunos; cabe ressaltar que nem todos tinham algum tipo de deficiência. Tive a oportunidade de conhecer melhor a situação de cada aluno, sua história e como vivia o dia o dia. Além de também interagir no contexto em que eles se desenvolviam.

Durante meu tempo trabalhando e as falas com meus colegas, comecei a entender melhor a importância do contexto e os efeitos que tem durante o desenvolvimento de cada aluno. Comecei a perguntar-me quais são os efeitos que a falta de apoios dos pais, e como também percebem os apoios que o governo disponibiliza.

Nesse tempo comecei a pesquisar instituições e programas que ofertaram estudos de Pós graduação na minha área de formação em todo o mundo. E que poderiam dar resposta a minhas dúvidas que se formaram ao longo dos meus estudos e meu tempo trabalhando.

No primeiro semestre do ano de 2015 encaminhei meu projeto para a Convocatória do Grupo COIMBRA e OEA para estudar um Pós grado em Brasil. Escolhi a UFSCar por ofertar um programa que era compatível com minha formação e que em esse momento dava resposta a parte das minhas perguntas e dúvidas.

No final do ano de 2015 fui aceito pelo PPGEES para estudar em Brasil e nesse momento já tinha mais claro que eu queria pesquisar e o porquê. No começo queria delimitar e definir o conceito de “Deficiência Contextual”. Com as primeiras orientações com a

¹ Robert Baden-Powell “BP” fundador do movimiento juvenil Scout

Professora Claudia Martinez entendia necessidade e ajustar o problema de pesquisa que para que eu pudesse conseguir meu propósito. Precisaria investir na sustentação teórica e prática, assim em futuras pesquisas poder ter todos os elementos necessários para poder demonstrar minhas hipóteses.

Ao longo da minha estadia no Brasil eu tenho aprendido muitas coisas que vão ser de suma importância no dia a dia em meu trabalho e como parte de uma sociedade. Estou sumamente agradecido pela oportunidade que tive para ser parte do PPGEES e da UFSCar e conhecer a grandeza que é Brasil.

Sou mexicano e acredito que México ainda tem muitas coisas por melhorar para ofertar uma educação de qualidade e ser uma sociedade que brinde tudo o que uma pessoa precisa para que seu desenvolvimento seja ótimo. Mas confio que agora tem um profissional que vai a compartilhar tudo de bom que aprendeu estudando o mestrado e com certeza vai a ser um agente de mudança para melhorar a realidade de muitas pessoas.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da premissa que os apoios ofertados pelos contextos dentro os quais se desenvolve uma pessoa com deficiência física impactam positivamente a prática de Rugby em Cadeira de Rodas - RCR. Adota-se como pressuposto que as percepções dos atletas praticante do RCR sobre os apoios ofertados e recebidos para a prática deste esporte podem trazer elementos que contribuam para conhecer sua organização, modo de viver, pensar e atuar.

Acredita-se que a contribuição da pesquisa resida na importância de se conhecer e descrever quais apoios são identificados e destacados pelos atletas para fomentá-los, a fim de que mais pessoas que não praticam um esporte adaptado tenham mais oportunidades para ter uma aproximação ao esporte do RCR. Outro fator importante que se pretende identificar refere-se aos obstáculos (falta de apoios) que não permitem a prática do esporte ou mesmo dificultam o acesso das pessoas com deficiência à prática de um esporte.

Por fim, acredita-se que descrever os caminhos percorridos pelos atletas e sua avaliação sobre os apoios recebidos possibilita conhecer suas vivências e, em meio a flashes de memórias e lembranças, mediante o exercício da construção de um estudo de caso de um time, identificar os apoios fundamentais advindos dos diferentes contextos de vida para a prática do RCR.

Nesta pesquisa privilegiou-se identificar os tipos de apoios fornecidos pelos diversos contextos para que uma pessoa acesse e pratique o RCR.

A estrutura dessa dissertação está organizada da seguinte maneira: o capítulo inicial apresenta informações sobre os referenciais teóricos que sustentam a pesquisa a partir de sínteses reflexivas acerca de temáticas que convergem para o foco do estudo proposto desembocando nos objetivos. O segundo capítulo é dedicado à descrição do método da pesquisa, incluindo os cuidados metodológicos tomados para a elaboração do roteiro de entrevista, ações referentes à coleta e análises dos dados considerando as conversas dos participantes, por meio de entrevistas e o proposto pela literatura. No terceiro, são apresentados os resultados da pesquisa, organizado em dois blocos. O primeiro traz os dados das temáticas abordadas na entrevista dos 10 participantes de forma agrupada. O segundo bloco apresenta os dados de um dos participantes entrevistados, na forma de um estudo de caso. No quarto e quinto capítulos são discutidos os resultados e as considerações finais da pesquisa, respectivamente finalizando com alguns apontamentos de para futuros estudos.

1.1 Apoios Sociais e as Redes de Apoio

A palavra “apoio” tem sido expressa na literatura com significados distintos, mas consonantes. O conceito de apoio apresentado pela RAE (2001) refere-se à proteção, assistência ou favor que um indivíduo, empresa, organização ou forneça a outro, ou a outros, em uma certa situação de necessidade, seja por motivo de uma catástrofe ou uma situação particular. Barrera (1986) refere que o termo “apoio” possui muitas definições ou conceitos. É importante considerar a grande variedade de possibilidades e características da população e a naturalidade e impacto dos apoios na vida diária.

Para Amendola e colaboradores (2011) o apoio é um processo recíproco referente a qualquer informação ou auxílio oferecido por pessoas ou grupos aos quais temos contato habitualmente e que produz um efeito positivo para quem recebe ou também para quem oferece (AMENDOLA et al., 2011).

Valla (1999) ao abordar o apoio, a partir da perspectiva da saúde, o vê como um mecanismo de solidariedade, participação e cidadania, ancora-se no benefício mútuo, oferecido ou mobilizado pelos adoecidos para reivindicar direitos; enfrentar as doenças, na prevenção e promoção da saúde, ultrapassando o enfoque exclusivo no cuidado e na prestação da atenção. Portanto, é uma ferramenta que vai favorecer a criação de contextos interconectados, visando atender as problemáticas necessárias gerando condições adequadas para desenvolvimento de uma população, que poder ser ou não, determinada por suas características e necessidades. Os apoios poderão influenciar ou delimitar a aquisição de habilidades e ferramentas fundamentais para potencializar a adaptação às distintas situações presentes na sua vida; tais como a aquisição de uma linguagem, solução de problemas na vida diária, adaptação aos distintos contextos em que um sujeito vai se desenvolver.

Outro tipo de apoio pode ser do tipo material, quando reflete o acesso dos indivíduos aos serviços práticos e recursos materiais; afetivo, envolve expressões de amor e afeição; emocional, refere-se a empatia, carinho, amor, confiança, estima, afeto, escuta e interesse; e interação social positiva, que diz respeito a disponibilidade de pessoas com quem se divertir e relaxar (MINKLE, 1985).

Para Valla (1999) o objetivo dos apoios é promover o bem-estar das pessoas em todas as áreas da sociedade e do desenvolvimento, bem como conscientizar sua situação em todos os aspectos da vida política, social, econômica e cultural.

Um dos parâmetros de êxito que podem ser reconhecidos no desenvolvimento de uma pessoa com deficiência são os apoios ofertados pelos contextos em que se desenvolve, uma vez que ao se deparar com uma diminuição de suas habilidades pode conseguir alcançar outras que possibilitem redescobrir-se permitindo alcançar novas metas e assim alterar seu pensamento sobre si mesmo e sobre os contextos (VERDUGO ALONSO, 2003).

A participação na família, na escola, no trabalho e na comunidade é importante para todas as pessoas e está relacionada aos resultados de qualidade de vida. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2011) define participação social, como o ato de se envolver em uma situação da vida e determina as categorias de participação em termos, de comunicação, mobilidade, autocuidado, vida doméstica, interações pessoais, principais áreas de vida (educação, trabalho e emprego, etc.) e vida comunitária, social e cívica.

É preciso tomar consciência de que as redes pessoais fazem uma grande diferença na atenção aos grupos minoritários, isolados, com problemas e necessidades particulares. Explica ser necessário criar pontes entre as pessoas, promover o encontro; conhecer e valorizar os dons de cada pessoa e cada grupo. É possível, assim, que a intervenção dos profissionais envolvidos no processo de reabilitação das pessoas com deficiência contribua para (re)estabelecer essas pontes (CABRAL, 2003; RIBEIRO 2010).

Fonseca (2008) destaca o conceito de apoio social, definido pela presença ou relativa ausência de recursos de apoio psicológico de pessoas significativas. O apoio social deve superar a sua visão como recurso, instrumento e objeto neutro, deslocado das políticas de proteção social, da compreensão das relações sociais e de poder, das desigualdades sociais e da dinâmica dos processos sociais pelos quais passam a sociedade e o seu sentido para os diferentes grupos sociais.

Para Minkle (1985) define que o conjunto dos apoios permutados pelas pessoas inseridas num determinado contexto social constitui uma rede de apoio social. Trata-se de um processo recíproco, isto é, que tanto gera efeitos positivos para o receptor, como também para quem oferece o apoio permitindo, dessa forma, que ambos tenham mais sentido de controle sobre suas vidas e que desse processo se apreenda que as pessoas necessitam umas das outras (VALLA, 2000).

O apoio social é definido como sendo qualquer informação, falada ou não, e/ou auxílio material, oferecidos por grupos e/ou pessoas que se conhecem, que resultam em efeitos emocionais e/ou comportamentos positivos (DUE et al., 1999).

Meirelles (2004) propõe que o apoio social tenha uma estrutura que é definida pelas características quantitativas ou objetivas da rede de apoio social, como tamanho, densidade, dispersão geográfica, etc., bem como, as características dos contatos e vínculos sociais que ocorrem dentro dela. Tem uma dimensão funcional em que os efeitos ou consequências do suporte são analisados, isto é, refere-se à qualidade do suporte social existente e, nesse sentido, destaca-se a avaliação subjetiva e a disponibilidade do apoio e aquele que se refere aos diferentes tipos de apoio.

Barrera (1986) refere que o conceito e a avaliação do apoio social pode ser dividido em três categorias: (1) o modelo que enfoca a rede social, a integração do indivíduo a um grupo e as inter-relações entre eles; (2) o modelo do apoio recebido que avalia o que a pessoa atualmente recebe e relata ter recebido; e (3) o modelo do apoio percebido que avalia o apoio que a pessoa acredita estar disponível se precisar.

De acordo com Barrera (1986) a primeira unidade para a validade de um apoio vai fundamentar as Redes Sociais que estão presentes na sociedade e na ecologia da mesma, sendo uma estrutura social na qual o indivíduo tem um vínculo com os distintos contextos em que se desenvolve.

Uma rede é definida como sendo um conjunto de nós interconectados (CASTELLS, 1999). A rede social é um sistema aberto e multicêntrico em que através de um intercâmbio dinâmico entre os integrantes de um coletivo e com integrantes de outros coletivos, possibilita a potencialização dos recursos que possuem e a criação de alternativas novas para a resolução de problemas ou a satisfação de necessidades e uma aprendizagem socialmente compartilhada (DABAS; PERRONE, 1999).

Neste sentido, Ribeiro (2010) sustenta que e uma rede social pessoal é constituída por pessoas que convivem com o sujeito em sua realidade cotidiana e que são acessíveis ao contato, tendo importância fundamental na vida das pessoas com deficiência física.

Para Sluzki (1997) a família, escola e serviços são os contextos que terão maior impacto e através deles, emergirão conhecimentos e ferramentas para uma vida em sociedade. É por isso que todo contexto onde uma pessoa se desenvolve, interage e sociabiliza pode entender-se como uma rede de apoio. No caso de uma pessoa com deficiência física a qualidade e quantidade de apoios pode ser variada, pois, embora compartilhem semelhanças em sua condição, há fatores específicos que farão com que a quantidade e o tipo de apoio varie. A importância dos apoios reside no fato de fornecer uma base natural, eficiente e contínua para a melhora dos resultados pessoais. Os apoios que melhoram o desempenho

individual podem ser influenciados por fatores de proteção e de risco em relação à saúde física e psicológica, pelas demandas do ambiente e por outras deficiências associadas (VERDUGO ALONSO, 2003).

Para Griep e colaboradores (2005) propor que depender do apoio que a rede dispõe para transpor as limitações poderá alcançar diferentes níveis de participação. Esse apoio, costumeiramente, provem da família, dos vizinhos e amigos, bem como, de profissionais de saúde que estão de algum modo envolvidos no processo. Forma-se, assim, uma rede de apoio social, que assume uma importância fundamental na vida e na qualidade de assistência a pessoa com deficiência.

Os resultados pessoais desejados por membros da família incluem a melhora da independência, os relacionamentos, as contribuições em sua vida social, a participação na escola, na comunidade e o bem-estar pessoal. Ressalta-se a importância de se conhecer qual é papel desempenhado pela família de uma pessoa com deficiência, frente ao fato de que este contexto (familiar) se constitui num pilar indispensável e altamente importante no desenvolvimento das primeiras habilidades de um indivíduo, tanto nos aspectos sociais, educacionais e motores (FLORES; AGUILAR, 2013).

Para fins de análise, as redes sociais podem ser divididas em níveis micro-social (pessoal) e macrosocial, esta última inclui a comunidade de que se faz parte, a sociedade e a ecologia. A rede social pessoal é um nível intermediário da estrutura social, que inclui todo o conjunto de vínculos interpessoais do sujeito: família, amigos, relações de trabalho, escolares, de serviço, de inserção comunitária e de práticas sociais (SLUZKI, 1997). O apoio social relaciona-se com as interações que uma pessoa estabelece na vida e pode influenciar de forma significativa a sua personalidade e seu desenvolvimento. A existência de vínculos e relações interpessoais desempenha diferentes papéis que permitem ao indivíduo se desenvolver emocional e socialmente de acordo com as características próprias de seu contexto e de sua rede de relações.

Ainda que o conceito de rede seja utilizado para fazer referência a distintas realidades, apresenta, no entanto, como ideia comum, a imagem de pontos conectados por fios, de modo a formar a imagem de uma teia. Por intermédio dos estudos das redes pode-se, por exemplo, mapear as relações entre indivíduos ou grupos, iniciando-se pelos contatos diretos, ou estudá-los a partir das variáveis, intensidade, tamanho, frequência e qualidade dos contatos (ANDRADE; VAITSMAN, 2001).

Em Portugal existe uma instituição governamental para o atendimento da população em geral que define que uma Rede Social caracteriza-se como um programa que incentiva os organismos do setor público (serviços desconcentrados e autarquias locais), instituições solidárias e outras entidades que trabalham na área da ação social, a conjugarem os seus esforços para prevenir, atenuar ou erradicar situações de pobreza e exclusão, além de promover o desenvolvimento social local através de um trabalho em parceria (SEGURANÇA SOCIAL, 2014).

A gama de suportes presentes nas redes de apoio podem trazer benefícios às pessoas com deficiências e assim, contextualizar suas necessidades e entender melhor suas implicações, efeitos, limites e percepções por aqueles ofertam e recebem (OMS 2011).

Acredita-se ser de suma importância favorecer o desenvolvimento das redes de apoio na sociedade para incrementar o campo das ações entre os contextos para propiciar uma inclusão e integração das pessoas na sociedade e assim, dar resposta às necessidades e às problemáticas enfrentadas em seu cotidiano. Nas situações das pessoas com deficiências e destaca-se a importância destas manterem suas relações e estabelecerem novas relações interpessoais, de modo a superar suas dificuldades, sejam elas, emocionais ou instrumentais. Para tais situações o apoio de outras pessoas pode ser decisivo e fundamental e, desta maneira, permite conhecer os efeitos positivos das redes de apoio.

Alguns estudos registram variações na composição das redes sociais conforme o contexto sócio-econômico. Nas sociedades em que as desigualdades sociais dificultam sobremaneira o acesso equânime aos bens e serviços, e os recursos familiares não são suficientes para suprir as necessidades, as redes de apoio social têm uma utilização mais ampla. É o caso das famílias brasileiras de baixa renda, que dispõem de uma ampla rede de apoio social, composta de amigos, vizinhos e irmãos de instituições religiosas (OLIVEIRA; BASTOS, 2000).

É relevante mencionar que na atualidade as pessoas com deficiência ainda enfrentam dificuldades de ordem social, econômica e cultural para se inserirem plenamente na sociedade (HOLANDA et al., 2015).

Sluzki (1997) assinala que a presença de uma doença crônica produz um impacto nas interações entre o indivíduo e a rede social. Esse autor explica que doenças graves ou crônicas possuem um efeito interpessoal aversivo, fazendo com que muitas pessoas evitem a convivência e que isso acarreta uma maior inércia ou resistência à ativação do contato por parte da rede social. Neste sentido Ribeiro (2010) afirma que pessoas com doenças crônicas

ou incapacidades, tende a sofrer a rede social que pertence uma erosão ao longo do tempo, restringindo os contatos sociais limitando as possibilidades de apoio social e sobrecarregando a família ou o cuidador.

1.2 Rugby em Cadeira de Rodas: apoio para pessoas com deficiência física

Um coração que pulsa forte, enaltecendo a capacidade da pessoa com deficiência que, através de seus méritos, seus esforços e acima de tudo dos seus resultados esportivos, tocam os corações de quem participa ou simplesmente assiste. Quebram barreiras, superam obstáculos e contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente da beleza que existe na diferença (MIRANDA; COSTA; DUARTE, 2013).

A história do desporto para as pessoas portadoras de necessidades especiais começou na Inglaterra, destinado a tratar homens e mulheres do exército inglês feridos na Segunda Guerra Mundial. A partir desse momento surgem duas correntes: o esporte como auxílio na reabilitação e enfoque esportivo como forma de inserção social, dando a conotação competitiva utilizada pelo desporto.

Após a Segunda Guerra Mundial iniciou-se o implemento do esporte na educação física, estabelecendo influência na sociedade com valores como: princípios de rendimento, comparação, competição e recordes. No final dos anos de 1950 começou a se preocupar com a atividade física e desportiva para o deficiente. Para o 1964, a educação física teve seu caráter instrumental reforçado, identificando-se com a pedagogia tecnicista. Costa e Sousa (2004). Assim, era preciso criar um caminho para a educação física lidar com o deficiente, e então surgiu a educação física adaptada, destinada a atender ao portador de deficiência.

No Brasil, o desenvolvimento do esporte para pessoas portadoras de deficiência física data de 1958 com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. A educação física começa a se preocupar com atividade física para essas pessoas apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tanto exercícios corretivos e de prevenção (COSTA; SOUSA, 2004).

A primeira participação do Brasil aconteceu nos Jogos Paralímpicos de Heildeberg/Alemanha em 1972 com a participação de oito atletas. Para o Brasil chegar à participação na Paraolimpíada criou-se toda uma estrutura, que teve início em 1975 com a

criação da Associação Nacional de Desporto para Excepcionais (ANDE), que contemplava todo tipo de deficiência.

A partir da fundação do Comitê Paraolímpico² Internacional, em 1943, surgiu uma tendência mundial para a criação de Comitês Paralímpicos Nacionais, os chamados *National Paralympic Committees*. A partir da criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em 1994, o esporte para deficientes começou seu vínculo com uma instituição representativa no *International Committee Paralympic* (IPC) (DA MATA et al., 2017).

Atualmente, com a participação crescente do deficiente em atividades esportivas, foram criadas entidades de deficiências afins. Hoje as associações que compõem o Comitê Paraolímpico Brasileiro são: Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA), Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas (Abradecar), Associação Nacional de Desporto para Excepcionais (Ande) e Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais (ABDEM), que programam, realizam e fomentam a iniciação e o desporto de alto rendimento para as respectivas áreas da deficiência.

Essas entidades têm como objetivo incentivar o esporte para pessoas portadoras de deficiência e organizar o desporto em nível de competições regionais, nacionais e internacionais, organizando com o Comitê Paraolímpico Brasileiro a participação das equipes nas Paraolimpíadas

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que 15% da população mundial possui algum tipo de deficiência, apesar de uma significativa porção de pessoas com deficiência no mundo estar engajada em atividades ligadas ao esporte, barreiras à participação e lesões esportivas impõe enorme impacto na vida do atleta ou praticante do esporte (OMS, 2014). Dados do Censo demográfico de 2010 revelam que no Brasil mais de 45 milhões de residentes possuem algum tipo de deficiência. Estima-se que mais de 13 milhões de pessoas tenha em algum grau a deficiência motora, representando uma importante parcela da população que requer ações governamentais e da sociedade civil visando garantir sua (re) inserção social (IBGE, 2010).

Historicamente, a prática de um esporte adaptado tem sido abordada por diferentes áreas como: a psicologia, medicina e na atualidade nas distintas áreas da educação; em todas

² O termo paraolímpico começou a ser usado em 1964. O termo paralímpico pode ser usado quando fizer parte de nome próprio (Comitê Paralímpico Brasileiro ou Jogos Paralímpicos). Nos demais casos utiliza-se esporte paraolímpico e/ou atleta paraolímpico. (BRASIL, 2012).

suas modalidades e que possibilita o ajuste de suas finalidades, conteúdos e estratégias ao efetivo nível/condição de desenvolvimento da pessoa com deficiências físicas, intelectuais e sensoriais, bem como ao contexto pretendido. Contudo, as implicações sociais, culturais, econômicas e políticas são evidentes e devem também ser consideradas na compreensão da problemática.

A prática esportiva oferece a oportunidade de desenvolver habilidades sociais, permite o compromisso na execução de objetivos, facilita a resolução de problemas e adversidades, promovendo aptidões que não só têm relevância em relação ao esporte, mas em outros planos da vida pessoal (MAZINI FILHO, 2009).

Considera-se que o esporte possa ser entendido como uma entidade multifuncional que tem diferentes aspectos da vida humana e social, bem como entendê-lo como um suporte que tem implicações para além dos aspectos físicos, uma vez que também afeta o desenvolvimento de uma pessoa a partir da perspectiva social, psicológica entre outras (REINA, 2014).

Cayuela (1997) acredita que o esporte seja uma ferramenta com impactos na sociabilidade das pessoas nos distintos contextos em que se desenvolve, construindo uma infraestrutura social e sentimento de pertencimento a um espaço determinado.

Acredita-se que o esporte possa ser considerado como um ponto de uma rede de apoio, por ter vários elementos importantes que propiciam a interação dos indivíduos com a sociedade. Entende-se que existam benefícios recíprocos no acionamento das redes de apoio, pois uma vez que o indivíduo melhora sua qualidade de vida, pelo esporte ou por outros meios, a rede também é favorecida.

O esporte também é um instrumento cultural que favorece o compartilhamento de valores, conhecimentos e vivências próprias de uma população ou um grupo fechado de pessoas que tem as características semelhantes (MAHEU, 1965).

A grande variedade de apoio ofertada pelo esporte permite favorecer o desenvolvimento das pessoas com deficiências.

Dentro das características e condições próprias de uma pessoa com deficiência física, requerer-se-á distintos tipos de apoios que poderão ser atendidos parcialmente dentro do contexto esportivo.

O esporte tem uma importância verdadeira no desenvolvimento pessoal e social do indivíduo que o pratica. Um dos principais benefícios a serem considerados é o de natureza psicológica. [...] toda pessoa com alguma redução de suas capacidades irá enfrentar uma sociedade construída sob parâmetros, estes sendo muitas vezes as barreiras que diariamente as pessoas com deficiência devem superar (LAGAR, 2003, p.6).

A partir da citação de Lagar (2003) tem-se a hipótese que apoios recebidos por uma pessoa com deficiência física que executa um esporte adaptado, ao longo de sua vida, possa gerar ganhos indiscutíveis para a promoção do seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Para Haiachi e colaboradores (2016) O esporte apresenta características importantes para o desenvolvimento nos aspectos físicos, psicológicos e sociais dos indivíduos (melhora da autoestima, independência para desenvolver tarefas cotidianas, possibilidade de estabelecer novas relações, conhecer pessoas, desenvolver potencialidades e estimular novas habilidades). Acredita-se que o esporte seja uma ferramenta que tem servido para apoiar as pessoas na tomada de decisões necessárias demandadas pelos distintos contextos da vida diária. Permite, com base nas atividades físicas, fomentar o autoconhecimento, a sociabilização, o cuidado da saúde, entre outros fatores primários para uma pessoa com ou sem deficiência.

O esporte oferece uma grande gama de oportunidades e experiências que incentivam a pessoa com deficiência melhorar sua qualidade de vida a partir dos apoios ofertados pelos contextos próximos (familiar, escolar, instituições públicas, privadas entre outras) que possibilitam a criação de redes de apoios.

O esporte adaptado consiste em um conjunto de modalidades modificadas ou especificamente criadas para atender as necessidades especiais de indivíduos com deficiências, por meio de adequações e ajustes nas regras, no espaço físico, nos materiais e equipamentos, ou ainda nas metodologias de ensino.

Munster (2010) acredita que o esporte adaptado foi inicialmente concebido como um recurso terapêutico, atualmente suas manifestações abrangem também finalidades pedagógicas, recreativas e competitivas. Ainda em relação aos avanços da área de adaptada, outro aspecto a ser evidenciado é o desenvolvimento tecnológico, na construção de próteses, cadeiras de rodas e materiais específicos para uso em jogos e atividades para esses fins (COSTA; SOUSA, 2004).

A presente pesquisa, ao eleger como foco do estudo as pessoas com deficiências físicas, busca triangular informações entre a deficiência, os apoios ofertados e a prática do esporte, no caso da presente pesquisa, o Rugby em Cadeira de Rodas (RCR).

O RCR surgiu como opção esportiva para pessoas tetraplegia na década de 70 na edição de Winnipeg, Canadá, devido à dificuldade em obter o mesmo desempenho dos atletas

que possuam menor comprometimento para realizar prática no basquete em cadeira de rodas (IWRF, 2011).

O RCR é uma das principais modalidades coletivas praticada por indivíduos com Lesão da Medula Espinhal e atração de público nos Jogos Paraolímpicos e é considerado atualmente uma das principais modalidades paraolímpicas devido ao grande dinamismo do jogo, segundo a Federação Internacional de Rugby em Cadeira de Rodas (IWRF, 2011).

O rugby em cadeira de rodas é um esporte coletivo cujo objetivo do jogo consiste em o atleta ultrapassar a linha de gol adversária, com domínio total da bola, o RCR tem um sistema de classificação próprio, que a favorecer a participação sujeitos com diferentes níveis funcionais no jogo, desempenhando diferentes funções que vão desde proteção do companheiro, bloqueios, passes, dribles e fintas são realizados de forma constante e intensa. A modalidade possui sete classes que representam o nível de comprometimento motor, variando de 0,5 a 3,5 pontos e a soma dos jogadores que estão em quadra deve ser de no máximo oito pontos.

O jogo ocorre em quadras similares às de basquetebol convencional e é utilizada uma bola semelhante à de voleibol. A partida é disputada em quatro períodos de oito minutos cronometrados, com quatro atletas por equipe (BRASIL, 2016.)

O RCR é uma das principais modalidades coletivas praticada por indivíduos com Lesão da Medula Espinhal e atração de público nos Jogos Paraolímpicos e é considerado atualmente uma das principais modalidades paraolímpicas devido ao grande dinamismo do jogo, segundo a Federação Internacional de Rugby em Cadeira de Rodas (IWRF, 2011).

Paciorek (2004) define o esporte paraolímpico, como fenômeno esportivo modificado ou criado para suprir as necessidades dos envolvidos. O esporte paraolímpico engloba todas as modalidades esportivas que são adequadas às pessoas com deficiência de qualquer tipo, já que foi realizado uma série de adaptações e/ou modificações para facilitar a prática do mesmo (SANZ; REINA, 2010). No caso do esporte paraolímpico, este foi feito em um contexto médico, complementar à reabilitação física, social e psicológica (GUTMANN, 1979; SANZ; REINA, 2012).

A modalidade é praticada por atletas com lesão na medula espinhal, ou um quadro de comprometimento motor equivalente, ou seja, que acometa pelo menos três membros (com origem da lesão devendo ser de ordem neurológica). Outra condição pela qual se pode praticar o RCR é quando o atleta tem malformações congênicas em três ou mais membros de seu corpo (IWRF, 2011). Os Atletas com lesão medular caracterizada como tetraplegia ou com

quadros de tetraequivalência, como alguns casos de paralisia cerebral, amputações/deformidades nos quatro membros, sequelas de poliomielite, entre outras são aqueles que podem praticar RCR (BRASIL, 2016.)

É importante ressaltar que os apoios recebidos pelas pessoas ao longo de sua vida são muito variáveis considerando as condições socio-econômicas, políticas e culturais, e é a partir destas variáveis, presentes na vida de um atleta com deficiência física que se pretende conhecer os efeitos dos apoios recebidos para seu desenvolvimento pessoal, particularmente aqueles que os influenciaram positivamente para a prática do esporte.

A prática de um esporte pode significar uma oportunidade para melhorar a qualidade de vida de uma pessoa, independentemente de sua condição. Também uma ferramenta que pode favorecer o desenvolvimento de habilidades sócias, emocionais, acadêmicas e pessoais. O esporte adaptado abrange finalidades pedagógicas, recreativas, competitivas e terapêuticas, consistindo em um conjunto de modalidades modificadas ou especificamente criadas para atender as necessidades especiais de indivíduos com deficiências, por meio de adequações e ajustes nas regras, no espaço físico, nos materiais e equipamentos, ou ainda nas metodologias de ensino (MUNSTER; ALMEIDA, 2010).

Matos-Souza et al. (2013) apresentaram evidências de que a prática de atividade física, especificamente esportes coletivos em cadeira de rodas (basquete, handebol e “rugby”) está associada com a melhora (diminuição) da aterosclerose sub-clínica em pessoas com lesão da medula espinhal.

Por isso, faz-se necessário que se identifiquem quais são os contextos que favorecem o acesso para praticar um esporte visando assim, decifrar as particularidades sócio históricas que compõem a realidade social dos apoios identificados e, resguardando-se as especificidades de cada caso, procurar replicar o modelo.

Diante do exposto, o tema da presente pesquisa consiste em identificar o apoio que a pessoa com deficiência física recebe para a prática do Rugby em cadeira de rodas e os efeitos no seu desenvolvimento pessoal.

2 OBJETIVO

Objetivo Geral

- Descrever e analisar a percepção de atletas com deficiência física sobre os apoios múltiplos recebidos e ofertados para a prática do Rugby em cadeira de Rodas.

Objetivos Específicos

- Descrever os apoios recebidos pelos atletas ao longo de sua vida na prática do esporte.
- Identificar a relação apresentada pelos atletas entre os apoios recebidos e a prática do Rugby em cadeira de Rodas.
- Discutir os impactos e efeitos dos apoios no desenvolvimento pessoal dos atletas participantes do estudo.

3 MÉTODO

Considerando que o objetivo da pesquisa centra-se na percepção de atletas com deficiência física sobre os apoios recebidos e ofertados para a prática do RCR buscou-se por um referencial metodológico apropriado que pudesse trazer tais elementos:

A seleção do instrumental metodológico está, portanto, diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá dos vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos, financeiros, a equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 127).

3.1 Características de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória caracterizada pelo uso da abordagem qualitativa (GIL, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2003). Fez uso de entrevistas semiestruturadas como principal meio para coleta de dados (LUDKE; ANDRÉ, 1986). As entrevistas foram realizadas individualmente com cada participante e registradas por meio de gravações, em áudio. Entende-se que a modalidade de entrevista semi-estruturada privilegia a obtenção de determinados dados e possibilita conhecer, da perspectiva do participante, suas experiências, crenças e julgamento sobre um determinado fenômeno, aqui neste estudo, sua percepção sobre os apoios ofertados e recebidos para a prática do RCR.

Por meio das transcrições foram realizadas análises qualitativas a partir do conteúdo de 10 entrevistas concedidas por atletas que praticam o RCR.

3.2 Considerações Éticas

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres - Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP-UFSCar) e conduzida mediante sua aprovação e com número de aprovação: 1.888.237. Em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foi solicitada anuência aos participantes por meio da assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* [Apêndice A]. O documento assegurou a preservação da identidade dos participantes e o direito à desistência (em qualquer momento), sem que isso lhes causasse prejuízos ou penalidades.

3.3 Seleção da amostra

Pessoas de ambos os sexos, na faixa etária compreendida a partir de 18 anos, com deficiência física que realizam RCR. Buscou-se obter uma amostra intencionada, pois se considerou que os participantes, uma vez inseridos em um time e já participando de uma copa, poderiam ter acumulado vivências e assim trazer elementos de interesse para a pesquisa, particularmente a percepção sobre os apoios recebidos e ofertados para a prática do RCR. Não foi levado em conta o tempo de execução da prática do esporte adaptado.

Os procedimentos para estabelecer o contato com cada participantes demandou três etapas. Inicialmente houve a aproximação do pesquisador com instituições esportivas para a identificação dos participantes de acordo com os critérios de inclusão já descritos. Na sequência, foram realizados alguns contatos com gestores das equipes (treinadores) para lhes dar conhecimento prévio sobre as características da pesquisa e explicação dos objetivos da mesma. A partir da permissão do responsável da equipe, a etapa seguinte consistiu na localização dos participantes, esclarecimento sobre o objetivo da pesquisa, convite e posterior ao aceite, a obtenção de seu consentimento para participação (assinatura do TCLE).

3.4 Participantes

Os participantes foram 10 pessoas de sexo masculino, na faixa etária compreendida entre 25 a 39 anos, com deficiência física e que realizam um esporte adaptado em cadeira de rodas: o Rugby. Todos os participantes desta pesquisa encontravam-se, no momento da coleta de dados, inseridos no âmbito de uma Copa de Rugby em Cadeira de Rodas na cidade localizada no interior do estado de São Paulo e aceitaram participar assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nesta ocasião foi possível obter uma amostra de um time completo.

3.5 Local

Todas as entrevistas foram realizadas em um espaço aberto dentro das instalações onde se realizava a Copa, nas proximidades da quadra. Os participantes se encontravam perto da quadra onde se realizavam os jogos, entretanto não houve interferências na realização dos jogos nas entrevistas. Durante a realização das entrevistas buscou-se boas condições para os canais de comunicação a fim de facilitar o diálogo e intercâmbio de ideias. Destaca-se que se por alguma situação existia muito barulho se pausava a entrevista ou se procurava outro espaço para continuá-la. Durante a coleta mudou-se de local por duas ocasiões devido à forte

incidência do sol. A Tabela³ 1, a seguir, apresenta os dados sobre os participantes caracterizando-os de acordo com dados pessoais e dados relativos à prática do esporte adaptado. Destaca-se identificação (P1 até P10) será mantida em todo o texto.

A Tabela 1 apresenta informações pessoais sobre os participantes e sua distribuição por clube de esporte.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes

Identificação	Esporte	Tempo Fazendo Esporte	Associação¹	Idade	Formação acadêmica
P1	Rugby em cadeira de rodas	2 anos	Clube 1 (público)	25 anos	8ª completa
P2	Rugby em cadeira de rodas	6 anos	Clube 1 (público)	34 anos	2º Grau Completo
P3	Rugby em cadeira de rodas	1 ano e meses	Clube 1 (público)	26 anos	Cursando ensino superior
P4	Rugby em cadeira de rodas	7 anos	Clube 1 (público)	35 anos	Ensino Médio Completo
P5	Rugby em cadeira de rodas	4 anos	Clube 1 (público)	26 anos	3º incompleto
P6	Rugby em cadeira de rodas	7 anos	Clube 1 (público)	29 anos	Administração pública
P7	Rugby em cadeira de rodas	3.5 anos	Clube 1 (público)	25 anos	Não
P8	Rugby em cadeira de rodas	8 anos	Clube 1 (público)	27 anos	Ensino superior incompleto
P9	Rugby em cadeira de rodas	25 anos (Primeira mente natação por 20 anos)	Clube 2 (público)	39 anos	Ensino médio completo
P10	Rugby em cadeira de rodas	2 anos	Clube 3 (público)	34 anos	Assistente Social

³ Por questões éticas não serão revelados os nomes dos clubes e associações

Conforme informações contidas na Tabela 1, pode-se observar que a faixa de idade dos participantes variou de 25 a 39 anos. Observa-se que os participantes praticam o esporte adaptado desde 1 até 8 anos; um dos participantes que tem 25 anos começou a atividade esportiva na natação e depois mudou para a modalidade, rugby. Ressalta também que os estudos acadêmicos variam de uma formação “sem estudos” até a formação em nível superior completo.

3.6 Material e equipamentos

- Computador e impressora
- Dispositivos de armazenamento de dados (pen drive e HDs)
- Materiais de papelaria para apoios
- Gravador

3.7 Instrumento de coleta de dados

Elaboração do roteiro de entrevista

De acordo com objetivo da pesquisa os dados foram coletados a partir da realização de entrevistas semiestruturadas (LUDKE; ANDRE, 1986) individuais por meio da implementação de um roteiro que contemplou como ponto central a percepção e a experiência sobre os apoios que os contextos têm ofertados para seu desenvolvimento. Assim, o roteiro foi estruturado para captar, por meio do relato de cada participante, as informações pertinentes à pesquisa, conhecendo-se o sentido dos apoios para prática de um esporte adaptado.

Uma das melhores ferramentas para a obtenção de informações “*de primeira mão*” é a entrevista que, se trabalhada de maneira correta, sempre oferecerá oportunidades de obter a informação clara; existem distintos tipos de entrevistas com características particulares, como por exemplo fechada ou aberta nas quais pode-se ir direcionando as respostas e a informação que o pesquisador deseja obter (MARIEZKURRENA ITURMENDI, 2008). É de suma importância conhecer o tema a ser abordado bem como validar um roteiro de entrevista que esteja à altura daquilo que se quer obter para que não existam ambiguidades.

Na presente pesquisa, empregou-se como base da elaboração do conteúdo do roteiro o apoio na literatura por meio de pesquisa bibliográfica, assistir documentários e reportagens,

além de buscar o diálogo com profissionais envolvidos no tema. Tudo isso contribuiu para acessar com maior conhecimento os fenômenos envolvidos no estudo e assim obter um roteiro de entrevista ajustado ao que se pretendia conhecer.

O roteiro foi elaborado de forma semiestruturada para coletar a maior quantidade de informações possíveis e dar ao entrevistado oportunidade de falar com calma e revelar os apoios que julga estar relacionado à prática de esporte adaptado e testado a partir de uma entrevista a qual também testou as perguntas e os procedimentos de análises de dados. Foi estruturado um roteiro de entrevista [Apêndice A] do tipo semi estruturado, composto por 4 blocos dentro dos quais a potência e pertinência foi previamente testada e analisada em etapa preliminar da coleta de dados (LUDKE; ANDRÉ, 1986; MINAYO, 1996).

Para o preparo da aplicação, foram realizadas sessões para o treino e familiarização do pesquisador com o roteiro. Nestas oportunidades refletiu-se sobre a adequação, estrutura e sequência das questões bem como o aprimoramento das formas de registro, adaptação e treino da língua portuguesa⁴, buscando-se assim o controle das possíveis variáveis intervenientes na fase de coleta.

É essencial estar bem registrado aquilo que se pretende coletar, tendo as ideias centrais claras do que se poderá obter e como se poderá ir obtendo, caso existam várias barreiras no momento de realizar a entrevista; parte central desta proposta centra-se na empatia que deve ser criada entre os diversos atores que participam e um clima favorável tornando a entrevista fácil e não seja considerada como algo invasivo (MEYER; OLIVERA DE BONFIL, 1971).

O Apêndice B apresenta o roteiro elaborado e utilizado especialmente para a presente pesquisa. A etapa de elaboração o roteiro contou com apoio de pesquisadores⁵ para que se assegurar que as possíveis respostas obtidas estivessem adequados aos dos objetivos da pesquisa.

⁴Importante considerar que o autor do presente estudo realiza a Pós graduação na UFSCar / PPGEES por meio do "Programa de Bercas OEA-GCUB 2015", sendo sua língua materna, o espanhol.

⁵Agradecimento ao prof. Mtr. Rodrigo Soto Becerra, doutorante em Estatística por pela Universidade de Salamanca em Espanha.

3.8 Procedimento de coleta de dados

Foram realizadas 10 entrevistas individuais com uma duração média de 15 minutos cada. Após a assinatura do TCLE explicou-se de forma genérica, a finalidade da pesquisa, além de se constituir num momento de geração de *rapport* e empatia entre pesquisador e cada pessoa entrevistada.

Todas as entrevistas foram gravadas em formato de áudio para não perder informação relevante, além de possibilitar as futuras análises. As entrevistas transcorreram sem problemas, e quando existia uma dificuldade na entrevista em relação a linguagem utilizada, o pesquisador mostrava a pergunta escrita/redigida no roteiro e assim, tratava de esclarecer a dúvida.

3.9 Análise, Tratamento e Organização dos dados

Análise

De posse das 10 entrevistas foi realizada a transcrição das mesmas na íntegra, apoiada integralmente por um auxiliar de pesquisa, a fim de dirimir dúvidas em relação à língua. Para a análise dos dados seguiu-se alguns dos passos sugeridos por Biasoli Alves e Dias da Silva (1992) para o processo de sistematização que, de forma sumária, seguem:

- a) "*Impregnar-se*" pelos dados à medida em que faz "leituras".
- b) Realização de anotações daquilo que cuidadosamente toda a leitura e o que dela advém pede, para que nada se "perca".
- c) Necessidade de "partilha dos dados" com outros pesquisadores, o que se constitui ao mesmo tempo num enriquecimento e numa "checagem" das formas de compreender, explicar e interpretar informações trazida pela verbalização dos participantes. Este procedimento conduz a maior objetividade e precisão na análise.
- d) Apoio na literatura sobre o tema que é a outra âncora do pesquisador. Busca-se estabelecer relações entre o conteúdo expresso nas falas, a experiência do pesquisador e o pensamento registrado.
- e) Busca de regularidades e diferenças nas respostas: há respostas distintas com um mesmo fundamento, respostas iguais com fundamentos diferentes e mesmo algumas contraditórias em um único sujeito, e por fim as exceções.
- f) Definição de estrutura, guiada pelo tema e questões centrais em direção a um afinamento de tópicos relacionados à pesquisa.

Considerando-se tais orientações, a presente pesquisa pautou-se fortemente na:

- Realização da leitura dos materiais a fim de se identificar os apoios relatados.
- Busca pela identificação e compreensão dos efeitos dos apoios para a prática da atividade esportiva.

Tratamento dos dados

Os dados foram tratados a partir da perspectiva qualitativa de acordo com as recomendações da literatura (LUDKE; ANDRÉ, 1986; MINAYO, 1996; BIASOLI ALVES; DIAS DA SILVA, 1992). Foram empregados procedimentos de análise para obter maior fidedignidade na interpretação das informações, nesta etapa análise. Entende-se que tais procedimentos foram fundamentais frente à subjetividade que permeia o discurso dos participantes.

Um bom índice de concordância foi obtido nas interpretações advindas dos trechos analisados na entrevista e, para tanto, contou-se com outro (a) pesquisador auxiliando nesta etapa da pesquisa.

Para cálculo de concordância foi utilizada a formula:

$$C / C + D \times 100$$

Nesta formula, “C” significa o total de acordos entre observadores e “D” o total de desacordo (Hersen, M. Barlow, D.H, 2009). Obteve-se um índice de 72,85% referente à análise de 10% do total das questões referentes aos blocos de questões relativas ao primeiro contato, motivação e principais apoios (Apêndice B)

Da organização dos resultados:

Os dados estão organizados em dois estudos.

O Estudo apresenta os dados gerais dos 10 participantes de acordo com as questões do roteiro. Além traz um estudo de caso específico, na perspectiva de ilustrar de maneira detalhada a percepção dos apoios e a sua rede relatada por um dos atletas, aqui identificado com nome fictício “Carlos”.

4 RESULTADOS

Os resultados da presente pesquisa encontram-se organizados em dois blocos: o Bloco I apresenta os dados gerais dos 10 participantes de acordo com as respostas às questões do Roteiro. De forma complementar, o Bloco II traz os resultados de forma mais detalhada e aprofundada de um participante, Carlos (nome fictício) a fim de se conhecer e ilustrar a percepção dos apoios e a sua rede.

Resultados - Bloco I

Primeiro contato com o RCR

A presente pesquisa buscou identificar como foi o primeiro para acesso para esporte adaptado e quais foram os facilitadores. O Quadro 1 apresenta a identificação da forma do acesso e ilustra por meio de trechos das entrevistas fala do participante sobre como ocorreu este momento.

Quadro 1 - Primeiro contato com RCR

Identificação do atleta	Facilitadores do acesso para o RCR	Contexto	Ilustração de como ocorreu o acesso a esporte adaptado
P1	Programa "Superar"	Esportivo	<i>"Primeiro contato foi no "Superar" que eu fui para poder malhar, nadar, aí eles viram que o Rugby ia cair muito bem para mim e me apresentaram o Rugby".</i>
P2	Vídeos sobre o tema	Social	<i>"Foi a base de vídeos, viagem, foi melhorando a visão sobre o esporte".</i>
P3	Clínica de reabilitação	Saúde	<i>"Através de uma clínica onde eu fazia fisioterapia, ele me indicou para o Rugby".</i>
P4	Amigo - acesso a Clínica de esporte	Social	<i>"Foi um amigo que ficou sabendo que ia ter uma clínica, explicando prá gente como que seria o esporte lá em Belo Horizonte".</i>
P5	Hospital – acesso ao Clube (parceria)	Saúde	<i>"[...]os atletas do time foram lá consulta, a médica me apresentou a ele, que a médica tem tipo uma parceria que passa pacientes para o time".</i>
P6	Filme "Murderball"	Social	<i>"Minha primeira assim.. que eu me recordo tem a haver com o filme o "Murderball" que conta a história do Rugby lá no Estados Unidos, foi a primeira vez que me deu vontade de praticar algum esporte adaptado".</i>

P7	Amigo	Social	<i>“Então, na minha cidade existia uma associação que trabalhava com esporte adaptado aí um amigo meu me convidou pra tá indo e conhecendo e a partir daí eu conheci o esporte adaptado. E nunca mais sai”</i>
P8	Amigo	Social	<i>“Eu estava no hospital de reabilitação em Rio de Janeiro e eu conhecia um amigo chamado E... ele me apresentou o Rugby e a gente praticou lá dentro do hospital um dia. Depois ele me chamou para jogar em um time lá no RJ eu comecei a jogar e desde então já não parei de jogar”</i>
P9	Associação/clube	Esportivo	<i>“Eu conheci uma associação quando eu tinha 14 anos e lá comecei ... passei por vários esportes. Fiz futebol, fiz basquete cadeira de rodas e aí encontrei a natação que foi o esporte que eu me identifiquei na época e aí segui uma carreira na natação. Hoje, estou no Rugby.”</i>
P10	Amigo	Social	<i>“[...] depois eu conheci o Rugby, por intermédio de amigos e comecei a praticar aí eu me apaixonei pelo esporte”</i>

Os dados do Quadro 1 demonstram que o primeiro contato com um esporte adaptado foi promovido para 05 participantes pelos contatos estabelecidos por meio de amigos (P4, P7, P8, P10), que tiveram a função de serem “facilitadores” para o ingresso dos participantes em uma associação, ou mesmo quem os convidaram para a prática do esporte adaptado.

Outra fonte de acesso ao esporte adaptado que permitiu a um atleta desenvolver a prática, são as associações (P9) e os membros das mesmas, como os jogadores e treinadores/professores. Nota-se assim, a importância do contexto esportivo para o início da prática do esporte adaptado.

Os equipamentos de saúde, como os hospitais e clínicas de reabilitação se constituem, em 02 casos (P5 e P3), como fonte de acesso ao esporte adaptado. Os vídeos e filmes foram outras fontes de acesso para dois dos atletas (P6 e P2). Outro fator que permitiu que um participante (P1) tivesse acesso à realização de um esporte adaptado foi um programa de governo, neste caso, municipal (Programa Superar).

Conforme pode ser observado, há uma diversidade de fontes de acesso ao Rugby em Cadeira de Rodas o que pode ser interpretado como algo positivo, pois de um lado amplia as possibilidades de encaminhamento da pessoa com deficiência física para o esporte e, por outro demonstra que não há uma política clara que define e concentre informações sobre qual é a “porta” que dá acesso ao esporte.

Motivação para a prática do RCR

O Quadro 2 apresenta dados relativos à motivação dos participantes para a prática de um esporte adaptado e os efeitos da motivação na sua vida diária.

Quadro 2 - Motivação para praticar RCR

Identificação	Motivação	Efeito da motivação para pratica do esporte	Trecho da entrevista
P1	Familiar (emocional)	Buscar a felicidade do pai (emocional)	<i>“O que mais me dá motivação para continuar é meu pai, porque ele sofre as vezes de problema de arritmia então ele tem...assim, a felicidade dele é... eu no Rugby e fora do que eu era antes. Então, minha motivação maior é meu pai”.</i>
P2	Pessoal (emocional)	Prosseguir com a prática do esporte (social)	<i>“Eu bem antes do meu acidente, eu já era atleta, então, tive que procurar algo para fazer para não ficar parado”.</i>
P3	Pessoal (emocional)	Reabilitar-se e ter qualidade de vida (ter saúde)	<i>“A reabilitação principalmente. Depois, a qualidade de vida”.</i>
P4	Pessoal (emocional)	Conhecer a possibilidade de praticar um esporte adaptado para tetraplegia (social)	<i>“A princípio eu não conhecia nenhum outro esporte por tetraplégico, eu só conhecia para paraplégico que é basquete, tênis, mas para o tetraplégico eu não conhecia. A partir do momento que eu conheci e vi que eu conseguia eu joguei”.</i>
P5	Pessoal (emocional)	Melhorar da saúde (ter saúde)	<i>“Foi conhecer e gostei. Na época eu não fazia nada por causa do acidente, gostei, sempre gostei de praticar esporte, e fiquei. Foi porque eu gostei mesmo, nada...pra minha saúde também ajudou né”.</i>
P6	Pessoal (emocional)	Ter a possibilidade de mudança de estilo da vida por meio prática da atividade física (social)	<i>“Motivação, cara sinceramente, quando eu era jovem, apesar de eu não ser atleta antes do meu acidente, eu era... eu tinha atividades, eu participava de atividade física em alguma medida. Então, eu tinha uma vontade de fazer algo, eu era sedentário e obeso e ... tinha muito tempo livre no meu dia, então eu vi ali uma possibilidade”.</i>
P7	Pessoal (emocional)	Buscar a qualidade de vida e alto rendimento (social)	<i>“No começo foi manter uma qualidade de vida melhor, pra mim tá cuidando do meu físico e quando as coisas foram andando eu fui gostando e aí eu partir para o alto rendimento”.</i>
P8	Pessoal (emocional)	Gostar de praticar de um esporte (social)	<i>“Sempre gostei do esporte qualquer tipo de esporte, sempre pratiquei esporte desde antes de minha lesão, depois de minha lesão não pratiquei nenhum até que conheci o Rugby, sempre fui apaixonado pelo esporte”.</i>
P9	Pessoal (emocional)	Ter a oportunidade de realizar uma atividade (social)	<i>“a informação eu acho que é a primeira oportunidade que a pessoa pode ter... é saber que existe. Né? Algo para se fazer e encontrei uma associação, então foi isso que me motivou a fazer”.</i>
P10	Pessoal (emocional)	(social)	<i>“A independencia física”.</i>

Conforme demonstram os dados apresentados no Quadro 2 nota-se que as motivações dos atletas situam-se predominantemente no campo da realização de um desejo pessoal (N=10). A melhora da saúde, da qualidade de vida, ter melhores condições físicas e o desejo de reabilitar-se foram os efeitos esperados mais frequentes.

Além destes, outros relativos à vida pessoal foram também apontados: “ter a possibilidade de mudar o estilo de vida” ou “mesmo a possibilidade de praticar atividade ou um esporte”. Desejos mais ousados foram ainda mencionados, como ter independência física por meio da prática do esporte adaptado e praticar esporte de alto rendimento. Na prática do esporte adaptado também surge como possibilidade desenvolver o campo pessoal da socialização e educação, conhecendo novos lugares (cidades) e times.

No campo pessoal foi possível também apreender que as pessoas com deficiência física praticam o esporte adaptado Rugby, por desejo pessoal (gosto) e para prosseguir com uma atividade já antes praticada. Apenas um atleta situou sua motivação para atender o desejo familiar, o do seu pai (P1).

Percepção sobre apoios importantes para a prática do RCR

O Quadro 3 apresenta dados relativos à percepção dos participantes sobre os apoios mais importantes para a prática de um esporte adaptado.

Quadro 3 - Identificação do(s) apoio(s) mais importante(s) e seu(s) contexto(s) correspondente(s) para a prática do RCR.

Identificação	Apoio	Contexto	Ilustração
P1	Pai (apoio financeiro)	Familiar	<i>“O apoio maior mesmo é do meu pai. Ele que me ajuda, ainda, eu não tenho apoio assim financeiro por outras partes e ele que se for preciso de dinheiro para poder viajar, ele que me ajuda, ele que me apoia em tudo e tudo o que eu faço é por ele também. No momento ainda não tenho, mas eu tô pra receber uma bolsa atleta que vai ajudar bastante, pelo governo. Ainda não recebo, aí então eu tiro do meu benefício que eu sou aposentado e meu pai também ajuda muito”.</i>
P2	Equipe (infraestrutura espaço)	Social (clube)	<i>“Eu tive só apoio, apoio mesmo de onde eu jogava, na minha equipe. Falar assim... eu tive que comprar meu material, então foi pouco, mesmo assim o apoio que eu tive foi só do clube onde eu treinava. Ele dava o espaço pra gente treinar, mas o resto, o material, essas paradas, essas coisas, foi tudo eu quem comprei”.</i>
P3	Membros da família (emocional)	Familiar	<i>“Ah, família, é o que mais apoia. Só família mesmo”.</i>

P4	Amigos e família (apoio financeiro e emocional)	Familiar e Social	<i>“Cara, dos amigos e da família. Parte financeira ajuda bastante, mas principalmente amigos e família, que estão ali sempre apoiando, estão sempre dando aquele empurrãozinho”.</i>
P5	Mãe e Time (emocional)	Familiar e Social (time)	<i>“Minha mãe no caso, família, a princípio e do time também, que a gente se ajuda muito, então, foi os dois principais apoios”.</i>
P6	Profissionais especializados	Esportivo (instrumental/ técnica)	<i>“De pessoa profissionalizadas...De profissionais capacitados essa tem sido a mais importante, porque são eles que catalisam qualquer desenvolvimento vai ser muito mais rápido quando você tem gente capacitada para fazer aquela coisa. Não adianta eu que não tenho formação em educação física e nenhum conhecimento especializado em Rugby cadeira de rodas tentar tocar um projeto. Tem que ter alguém com alguma capacidade e aí eu acho que todo meu processo nesses 7 anos, acho que a maior influência tem sido de pessoas capacitadas pra me auxiliar”.</i>
P7	Informacional (patrocínios)	Esportivo	<i>“Eu acho que falta muita coisa ainda pra gente evoluir. E assim, os apoios assim do clube mesmo sem patrocínio acho que é muito importante. Porque se o clube hoje não chamar um atleta e não conversar com ele tal ... e explicar a situação ele acaba saindo do paradesporto, do esporte adaptado, porque não tem como se manter no esporte adaptado porque a maioria das vezes a gente tira do nosso bolso”.</i>
P8	Instrumental (financeiro)	Governamental	<i>“Eu acho que o Brasil ele tem projeto de bolsa atleta que beneficia aos atletas que ficou entre os primeiros três na competição nacional”.</i>
P9	Instrumental Espaço da prática esportiva (infra estrutura) e recursos humanos	Esportivo (clube)	<i>“Eu acho que o espaço da prática esportiva. No meu caso, eu comecei com a natação, eu ter uma academia, eu ter um técnico, é... a disposição para treinamento...é existiam entidades que trabalhavam né com esporte adaptado, então pra mim foi o que me oportunizou ter o espaço”.</i>
P10	Emocional e instrumental Família e staffs (financeiro)	Familiar e esportivo (clube)	<i>“Da família. Os staffs do time, porque se não tem pra por luva e transferir para cadeira, se não tem esses staffs, a gente não consegue fazer nada”</i>

Os dados do Quadro 3 informam que os atletas na sua grande maioria identificaram mais de um apoio importante para a prática do esporte adaptado. Além disso, citaram os apoios de forma genérica e também específica.

No contexto familiar, o pai e a mãe foram os membros da família identificados como apoios mais importantes, ainda que “família” e “membros da família”, citados de forma generalizada também estiveram presentes. O apoio no âmbito familiar esteve relacionado ao apoio financeiro e ao incentivo para a prática do esporte (“*empurrãozinho*”).

No contexto esportivo, encontram-se os apoios advindos dos clubes, equipes, staffs, treinador, time. Neste contexto, há valorização do espaço para treino, das explicações financeiras passadas entre clube e para-atletas, ofertar uma academia, ofertar um técnico à disposição para treinamentos e do apoio dos staffs.

No contexto social, encontra-se o apoio dos amigos, porém sem muitos detalhes da natureza do apoio. Foi citada a importância do apoio ofertado por profissionais especializados, capacitados para promover o esporte adaptado. No contexto governamental encontra-se citado o apoio da Bolsa Atleta.

Outros apoios mencionados na entrevista pelos participantes relacionados à prática do esporte adaptado estão descritos no Quadro 4.

Quadro 4 - Outros apoios relacionados à prática do RCR

Identificação	Apoio	Contexto	Ilustração – trecho da entrevista
P1	Financeiro	Governo	<i>“Econômico”.</i>
P2	Incentivo	Família	<i>“Minha família sim tem grande importância, me ajuda bastante e me incentiva no esporte”.</i>
P3	Moral e emocional	Amigos	<i>“falaram que eu tinha capacidade, que era pra eu ir fundo, que eu tinha grandes chances para se tornar um atleta paraolímpico e tal, esse foi o principal”.</i>
P4	Moral	Família	<i>“Também foi apoio moral, na verdade eles viram que era bom pra mim. Então...deixaram...na verdade assim, minha família apoia muito quando eu peço, mas ela me deixa bem livre, ela não é... No começo, da minha lesão, eles queriam me abraçar, me segurar, não queriam deixar eu fazer muita coisa, mas depois quando eu comecei a praticar, eu já tinha 7 anos de lesão, então, já não tinha essa super proteção. Então, apoiaram no que eu pedia, mas... mas em casa do que fora”.</i>
P5	Infra estrutura	Clube	<i>“Eles me ofereceram estrutura e eles podiam, por exemplo... a gente não tem dinheiro, a gente gasta o nosso dinheiro mesmo mas sempre que um pode ajudar o outro...ah...não tô conseguindo ir, me dá carona, eu tenho dinheiro posso ajudar... meu material tá ruim eu te ajudo, então eles sempre ajudam ... a gente se ajuda pra se manter no esporte”.</i>

P6	Infra estrutura	Governo	<i>“considerando a disponibilidade da estrutura onde eu treino foi...”.</i>
P7	Infra estrutura	Clube	<i>“Cadeira tudo, a estrutura, material para treinar”.</i>
P8	Financeiro	Governo	<i>“[...] Hoje já se tem financiamento no Brasil para os atletas, então eu acho que se manter no esporte não é uma tarefa fácil. Quando você começa ir para o alto rendimento, então enquanto é uma participação...é um...aqui nós temos times de alto rendimento e também times que estão começando...então enquanto você é de participação qualquer cadeira serve, agora quando você vai para o alto rendimento, se manter no esporte é a maior dificuldade”.</i>
P9	Apoio moral e informativo	Clube	<i>“Acho que o principal apoio é abraçar assim os atletas que as vezes estão em dúvidas ainda em estar fazendo paradesporto, como eu falei, o clube apenas não trata de pessoas com alto rendimento. Assim começa com uma pessoa que é nova de lesão e vai explicando tudo pra essa pessoa tanto na vida de esportista como para a vida pessoal e a partir daí a pessoa vai evoluindo na trajetória dela, então... hoje a importância do clube eu acho que é essencial na vida do paratleta”.</i>
P10	Social e Informativo	Amigos	<i>“Então, é ficou mais fácil pra mim a minha vida hoje, sabendo que eu tenho mais amigos cadeirantes e que eu acompanho as novidades através deles. Tudo o que sai no mercado, um passa a informação para o outro, fica mais fácil”.</i>

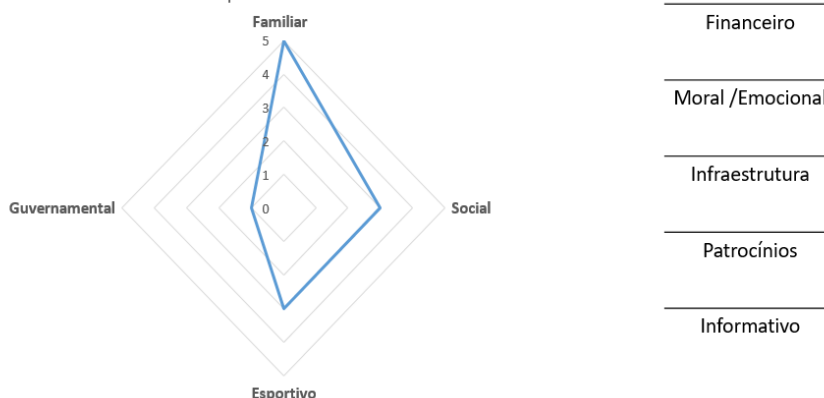
O Quadro 4 apresenta os apoios recebidos pelos atletas e os diversos contextos que os apoiaram durante a prática do esporte adaptado. Os apoios que aparecem com maior frequência são os morais e de infraestrutura. Em relação aos contextos, os atletas ressaltaram que o “Clube” e a “Família” são os contextos mais representativos nesta amostra.

A Figura 3. apresenta os contextos e a frequência de palavras mencionados pelos atletas⁶. A primeira vista se pode observar a relevância que tem o contexto familiar dentro do desenvolvimento e pratica do RCR, seguido pelo contexto social e esportivo.

Aponta-se que os apoios relatados estão relacionados, mas têm efeitos diferentes para cada atleta, tudo isso deve-se à percepção particular e a experiência que tem com cada um dos apoios.

⁶ Com apoio de um programa computacional buscou-se descrever e esquematizar a frequência das palavras proferidas nas entrevistas a respeito dos apoios mais importantes.

Figura 3. Identificação do(s) apoio(s) mais importante(s), relatado(s) pelo atleta, e seu(s) contexto correspondente(s) para a prática do RCR



Obstáculos mais frequentes para a prática do RCR

As respostas dos participantes em relação aos obstáculos mais frequentes para a prática do esporte adaptado variaram desde a ausência de obstáculos até a presença de muitos obstáculos. O Quadro 5, a seguir ilustra os principais obstáculos descritos e identificados por alguns participantes:

Quadro 5 - Percepção dos participantes sobre os obstáculos mais frequentes para a prática do RCR

Identificação	Ilustração – trecho da entrevista
P1	<i>“São muitas coisas...”</i>
P2	<i>“ Sair pela primeira vez de casa para conhecer o esporte”.</i>
P3	<i>“ Questão financeira”.</i>
P5	<i>“...financeiro é maior, mas o segundo é a acessibilidade”.</i>
P7	<i>“O principal obstáculo é a distância da cidade onde eu treino”.</i>
P8	<i>“ Acessibilidade. O ginásio ser adaptado, ter um banheiro bom, ter rampa, o acesso, como que o deficiente vai chegar lá? ”.</i>
P9	<i>“Manter alto rendimento sem apoio financeiro”.</i>
P10	<i>“ São os mesmos para todos”.</i>

Necessidade de realizar compensações pelo apoio recebido

A questão do roteiro que indagou sobre a necessidade de realizar um tipo de compensação⁷ pelo apoio recebido não foi respondida por todos os participantes. O Quadro 6, a seguir ilustra as respostas obtidas. Nem todos os participantes compreenderam e responderam a esta questão.

Quadro 6. Justificativas para as situações de compensação pelo apoio recebido

Identificação	Ilustração – trecho da entrevista
P2	<i>“A questão do time a compensação é se dedicar e participar, é mais isso. Eles ajudam a gente, dão a estrutura que podem e a gente participa pra ajudar na competição”.</i>
P5	<i>“Eu tenho que participar, de tudo, de evento, tudo que eles marcam eu tenho que participar. Eles dão a cara, mas eu tenho que dar a minha também”.</i>

Os que responderam que não há necessidade foram 4 participantes, já os 3 que responderam que sim, há necessidade de compensação, justificam pelo próprio desempenho nas competições, compromissos e pelo prazer em evoluir no esporte.

A compensação dos apoios recebidos é um incentivo para melhorar conjuntamente entre os participantes, além de favorecer o sentimento de pertença às instituições.

Relação entre apoios

Buscou-se aferir a percepção dos participantes quanto à existência de relações entre os apoios recebidos na atualidade. A finalidade desta questão é reconhecer as interações entre os distintos “nós” que conformam as redes de apoios dos participantes, a partir da visão de cada um sobre os apoios e seus possíveis efeitos.

⁷ O termo “Compensação” foi trazido no roteiro para conhecer se os participantes deveriam fazer algum tipo de ação ou atividade em prol de quem outorgou o apoio. Na realidade do México existem instituições do governo que facilitam apoios econômicos e como parte dos requisitos é necessário realizar um tipo de compensação para melhorar conjuntamente a qualidade da vida das pessoas e governo. No Contexto linguístico do Brasil o termo “compensação” é cotidianamente utilizado como o termo de “contrapartida”, o termo usado para se referir aquilo que se dá em troca de algo, que se opõe ou corresponde a esta coisa.

Quadro 7 - (In)Existência de relação entre os apoios recebidos

Identificação	Existência de relação	Síntese das respostas
P1	Não tem relação	“Não há relação entre família, governo, esporte”.
P2	Não tem relação	“Não há relação entre os apoios recebidos entre família e o do clube”. Participante não quer a mistura das relações.
P3	Sim, tem relação	Há relação total, entre primo, amigos e esporte Participante celebra a relação.
P4	Sim, tem relação	Participante valoriza a presença da relação no início e celebra o processo de independência conquistado ao longo do processo
P5	Sim, tem relação	Participante valoriza a presença da relação e o convívio da família com esporte, conhece outras famílias. “ <i>Em conjunto eu acho que todo mundo se ajuda</i> ”
P6	Não tem relação	Não há relação entre a estrutura, o dinheiro, o transporte, a acessibilidade e o lugar dos treinos e profissionais. Há uma relação de interdependência para viabilizar o treino, mas não há interrelação.
P7	Sim, há relação.	Participante valoriza a presença da relação da família com o time e coordenação
P8	Sim, há relação.	Participante valoriza a presença da relação da família com esporte, com a universidade, e o terceiro setor, só que o setor público é o quem menos faz. “ <i>construção de política pública é você conseguir costurar tudo isso junto</i> ”.
P9	Não tem relação	Não tem relação entre os 3 pontos Participante lamenta a ausência de união do governo, do clube e do atleta para tornar a vida do atleta mais interessante.
P10	Sim, há relação	A relação que existe é de amizade.

Nem todos os participantes responderam esta questão. No geral percebe-se que há uma valorização e expectativa dos atletas quando a relação entre os apoios é existente. Nos discursos nota-se um lamento em relação às situações de inexistência de relação entre os apoios advindos dos diferentes contextos.

Desta sintética, os resultados demonstraram dados relativos à percepção dos atletas referente ao acesso ao esporte adaptado em seus primeiros contatos com o RCR. Fica evidente a importância das informações advindas de fontes diversas para a prática de um esporte adaptado. Informações relativas à percepção dos atletas sobre a motivação da prática do RCR foram apreendidas a partir das entrevistas com destaque para a realização da atividade na perspectiva da melhoria da qualidade de vida dos participantes. Os apoios identificados pelos atletas como os mais importantes para a prática do RCR incluem os familiares, amigos e toda

a estrutura do time/esportiva. Finalmente emergem as considerações dos atletas sobre as barreiras relacionadas à prática do RCR com destaque para as limitações financeiras das pessoas envolvidas, dos clubes/equipes e as governamentais.

Resultados – Bloco II

Impacto das redes de apoio na prática do Rugby em cadeira de rodas

Buscou-se redigir o Estudo de um Caso com o objetivo de explorar e discutir os efeitos das Redes de Apoio (RA) na vida de uma pessoa com deficiência física que pratica Rugby em Cadeira de Rodas (RCR). O participante⁸ é um atleta brasileiro que realiza o esporte paraolímpico há 3 anos e meio e apresenta paraplegia⁹. A partir da realização de uma entrevista semiestruturada buscou-se conhecer a presença e tipos de apoios no seu cotidiano para a prática do esporte paraolímpico deste esportista e ainda identificar a sua percepção em relação aos mais relevantes.

Justifica-se que o motivo de escolher Carlos para fazer o estudo de caso foi pela riqueza da informação obtida e pelo seu status no time. É importante ressaltar que durante a coleta de dados vários participantes da amostra falaram que Carlos é um jogador de sucesso e muito importante para o RCR em Brasil.

A origem dos Apoios na vida de Carlos

No caso de Carlos, a deficiência foi adquirida durante a infância:

“Desde o meu nascimento o apoio da minha família foi essencial. Eu acho que desde os meus 6/7 anos... Minha família sempre me apoiou em tudo o que eu queria fazer[...]minha família nunca olhou pra mim com diferença e sempre me deixou à vontade pra fazer o que eu queria, eu acho que isso foi essencial não só na minha vida como esporte, como paradesportista, mas assim na minha vida”¹⁰.

Os dados relatados por Carlos estão em consonância como que dizem Flores e Aguilar (2013) em relação à família. Os efeitos da família estão presentes desde os primeiros anos da pessoa e os tipos de apoios são variados. O respaldo moral e emocional são um ponto de

⁸ A partir dos dados obtidos no Estudo 1, desta pesquisa, selecionou-se um dos participantes a partir dos seguintes critérios: (1) ser um atleta com bom desempenho de acordo com os critérios da seleção e, (2) ter tido uma participação ativa da entrevista trazendo elementos na sua fala que pudessem ilustrar os temas abordados.

⁹ Nome Fictício, Carlos.

¹⁰Citação textual da entrevista.

partida que o participante coloca como primordial para ter um desenvolvimento como esportista.

O vínculo e o apoio ofertado pelos membros da família são de grande importância e, diante disso os afastamentos temporários que ocorrem por ocasião das viagens do time para a prática do RCR, são dificuldades para Carlos, mas superadas pelo investimento e motivação para a prática do esporte:

“As vezes a gente tá longe em alguma viagem... e isso é meio como um obstáculo, mas como eu falei minha família sempre me apoiou então é tranquilo mesmo que as vezes a gente fica meio triste e tal... a gente acaba esquecendo um pouco e focando nos principais objetivos...”

Para Carlos, a família é uma parte importante da sua rede de apoio e desempenha papel fundamental para a prática do RCR. É importante destacar que a família apresenta um conjunto de estratégias como soluções alternativas aos problemas gerados pela condição do participante e se constitui assim, em efetivos apoios.

Ao lado da família, Carlos cita a importância dos amigos para sua inserção no contexto esportivo:

“Então, na minha cidade existia uma associação que trabalhava com esporte adaptado aí um amigo meu me convidou pra tá indo e conhecendo e... a partir daí eu conheci o esporte adaptado. E nunca mais sai.”

Para além do Núcleo Familiar: outros apoios ofertados à Carlos para a prática do RCR

Para além da família, amigos, o Clube e a Associação são dois elementos presentes na rede de apoio na vida de Carlos. Estes dois pontos da rede de apoio desempenham um papel importante na oferta de uma melhor qualidade de vida ao participante, além de ser o *locus* onde se pratica o esporte.

“Acho que o principal apoio é abraçar assim os atletas que as vezes estão em dúvidas ainda em estar fazendo paradesporto[...] Assim, começa com uma pessoa que é nova de lesão e vai explicando tudo pra essa pessoa tanto na vida de

esportista como para a vida pessoal e a partir daí a pessoa vai evoluindo na trajetória dela”.

Carlos ressalta na entrevista elementos presentes no contexto do clube que geram, por meio do ambiente esportivo, as condições de melhoria da vida do esportista. Pode-se observar inclusive que os benefícios da convivência e prática do esporte nos clubes podem melhorar condutas, atitudes e pensamentos diante das limitações pessoais do participante.

O ambiente esportivo permite criar condições para melhorar a vida do esportista, além de uma responsabilidade social, familiar e cultural (RODRIGUES, 2001).

Dificuldades financeiras presentes no cotidiano de Carlos para a prática do RCR

Para Carlos, a prática do RCR se dá por meio de investimentos pessoais diante das dificuldades de apoio financeiros que são superadas pelo “amor” e motivação:

“... a gente faz por que a gente gosta. Então, como eu falei antes, a gente tira do próprio bolso. A gente podia estar investindo em outras coisas, mas como a gente gosta e quer evoluir no esporte a gente acaba fazendo porque a gente ama o que a gente faz”.

Na avaliação de Carlos os patrocínios são fundamentais e têm impactos na permanência das pessoas na prática do RCR:

“O obstáculo, como eu falei antes, é a gente ter dificuldade muitas vezes sobre (obter) alguns patrocínios pra gente tá indo pra campeonato pra gente tá se mantendo no esporte né... o maior obstáculo hoje de um clube é manter ele em alto rendimento sem apoio financeiro”.

Carlos aponta os bons resultados obtidos nas paraolimpíadas como fatores a serem considerados em investimentos pela iniciativa privada:

“eu acho que as empresas privadas... acho que deveriam olhar mais para o esporte adaptado porque se você ver o quadro de medalhas das olimpíadas e das paraolimpíadas você pode comparar o Brasil está muito mais a frente no esporte adaptado do que no esporte em si. Eu acho que falta muito as empresas privadas

olharem para o esporte adaptado e ver também a nossa qualidade que nós temos no esporte”.

O apoio interpessoal e o apoio institucional são partes importantes da adaptação de acordo como a teoria de transição (SCHOLLBERG,1984). De acordo com esta teoria se constata que os distintos contextos estão relacionados e podem ofertar uma possibilidade de organizar os distintos tipos de recursos existentes.

Carlos destaca a necessidade de apoio governamental para RCR

A falta de investimentos que facilitariam a prática do RCA fica evidenciada na fala de Carlos:

“Eu acho que o clube hoje sofre muito por a gente não ter apoio do governo. O governo não olha assim para o clube como uma... como uma importância na vida do atleta, mas acho que na minha opinião eu acho que o mais importante é o clube”.

Considera-se, entretanto, que existem legislações que foram feitas para favorecer o esporte para as pessoas portadoras de uma deficiência. Ressalta-se a Lei Zico – Lei No.8.672/1993 a qual foi a primeira gerenciar a profissionalização do esporte e das distintas modalidades das atividades física. A Lei Pelé – Lei No.9.615/1998 fomentou a elaboração de projetos para a prática do esporte por pessoas com deficiência (AZEVEDO, 2008).

Quando se compara os investimentos nas legislações com a percepção do participante, Carlos observa-se ainda que há muitos fatores para serem melhorados já que não sente os seus impactos nas condições mínimas para a prática do esporte. Carlos não constata o investimento do governo na promoção do RCR ou qualquer esporte.

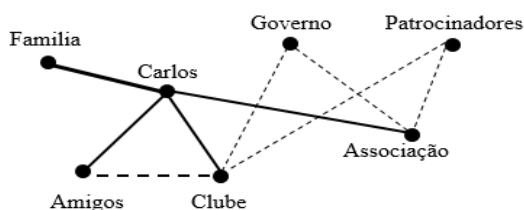
O esporte, desde que esteja alinhado com uma complexa política social que englobe governo e sociedade, pode transformar-se em poderosa ferramenta contribuinte para o processo de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência (AZEVEDO, 2008). Resgatando o que Maheu (1965) e Azevedo (2008) afirmam pode-se observar que o esporte é uma ferramenta social necessária para erradicar barreiras que não permitem que uma pessoa se desenvolva de maneira ótima. Considerando a relevância da prática do esporte é de suma importância contar com o apoio das leis e do governo para favorecer a qualidade de vidas das pessoas.

A rede de apoio apontada por Carlos

Na entrevista, Carlos identificou-se como pontos de sua rede de apoio para a prática do RCR: a família, amigos, o clube e a Associação. Todos os pontos desta rede estão relacionados entre si e buscam como seus primeiros objetivos, a melhoria da qualidade da vida do participante. Buscam ainda fomentar as habilidades sociais e facilitar o desenvolvimento esportivo. Outros pontos relatados pelo atleta Carlos que não têm o efeito desejado, mas que seriam potenciais pontos de apoio são as Empresas Privadas e o Governo. Em ambos casos há falta de apoio financeiro para viabilizar, por exemplo a aquisição dos insumos mínimos para a prática do esporte (bola, cadeiras de rodas, luvas...) e a falta da infraestrutura arquitetônica dos locais.

Assim, verifica-se por meio do relato de Carlos que os pontos de sua rede de apoio estão constituídos por Família, Amigos, Clube, Associação e de maneira indireta pelo governos e patrocinadores, estes identificados na figura por pontos tracejados:

Figura 4 - Rede de Apoio Carlos



Por fim, destaca-se que na entrevista concedida foi possível verificar o fundamental apoio da família para Carlos realizar a prática do RCR.

Para Teixeira (2014) a instituição familiar tem grande influência sobre o desenvolvimento do indivíduo e na sua participação na inserção na sociedade. O autor ainda afirma que os membros das famílias desenvolvem suas próprias formas de ajustar-se às circunstâncias de cada um frente às suas problemáticas.

Acredita-se que uma das principais tarefas da família é preparar o indivíduo para ser parte ativa de uma sociedade influenciado por valores estabelecidos e ensinados na própria família, além de aspectos próprios da sua religião, cultura e educação.

5 DISCUSSÃO

O tema da presente pesquisa centra-se na identificação dos apoios que a pessoa recebe para a prática de um esporte adaptado e os efeitos para seu desenvolvimento pessoal. Para tanto, foram explorados, no conjunto de questões que compuseram as entrevistas, o acesso à prática do esporte adaptado, a motivação para exercê-lo, a percepção dos participantes em relação aos principais apoios bem como as necessidades e barreiras para a prática deste esporte.

Os resultados demonstraram que os primeiros contatos (*acesso*) com um esporte adaptado para os atletas entrevistados é marcado por uma diversidade de fontes, onde estão os amigos, jogadores, professores, pessoas vinculadas às instituições de saúde, programas de governo, além de vídeos e filmes. Ribeiro (2009), cita Lieberman e Lieberman (1993) a qual assinala que uma deficiência que ocasiona uma perda grave de função é acompanhada pela mudança no estilo de vida, na auto-imagem, na interação social, causando conturbação financeira e vocacional. A presença de apoios e informações favorecem o acesso das pessoas a um esporte adaptado. Neste sentido, Ribeiro (2009, p.73) afirma que a “solidariedade sempre incentiva as pessoas que são tocadas pelo sofrimento do outro e pela noção de sua própria precariedade, enquanto ser humano, a oferecer apoio mesmo em circunstâncias adversas”.

Os amigos, dentro e fora, do time tiveram um impacto importante para o acesso dos participantes da pesquisa na prática do RCR, como mostram os dados coletados. Eles se constituíram nas primeiras fontes de acesso a uma associação esportiva para a prática do esporte adaptado, ampliando assim as oportunidades de relacionamento, além da esfera familiar.

Jimenez (2004) acredita que os amigos podem potencializar fatores de mudanças para a melhoria e prática das habilidades físicas, favorecendo também as habilidades do cuidado da saúde. Conclui seu trabalho ressaltando os efeitos positivos que tem esta fonte de apoio ao longo da vida de uma pessoa. De Moura Simim (2017, p.225) cita Bruner, Munroe-Chandler e Spink (2008) ao afirmarem que desenvolvimento dos atletas ao longo de suas carreiras ocorre por meio do bom relacionamento com seus amigos e, cita também Para Mccarthy e Jones (2007) ao destacarem que os amigos são fundamentais para introduzir motivação, já que todo o vínculo social destes indivíduos advém do ambiente esportivo. Além disso, Moura Simim (2017, p. 222) baseado em Côté (1999) e Ferreira e Moraes (2012) ressalta que percebe-se que

muitos atletas incorporam traços de personalidade e atitudes dentro e fora do ambiente esportivo, que podem ser influenciados pelo treinador, e também pela família.

O acesso às informações relativas à participação de pessoas com deficiência física para a prática do RCR provém de fontes externas ao contexto familiar e possibilitam a ampliação das oportunidades de desenvolver ocupações (atividade esportiva) ampliando o círculo de amizades.

Mendes e Besen (2016) ao destacarem os fatores que influenciam a qualidade de vida no ambiente de treinamento esportivo afirmam que há necessidade de cultivar e desenvolver um ambiente saudável e de bons relacionamentos entre os indivíduos do grupo, nomeadamente entre os próprios jogadores, entre os jogadores e comissão técnica e dirigente, além da harmonia entre os membros da equipe técnica (p.65).

O suporte informativo, advindo dos filmes e dos próprios contatos realizados entre as pessoas com deficiência física com profissionais e amigos parecem se constituir em apoios decisivos para seu ingresso no esporte adaptado (RCR).

Na presente pesquisa obteve-se resultados relativos à *motivação* dos participantes para praticar um esporte adaptado: o RCR. Os participantes relataram que a motivação está relacionada com a possibilidade de melhorar a sua qualidade de vida, seu desempenho físico, reabilitar-se, mudar seu estilo de vida nesta nova condição e praticar uma atividade esportiva, neste caso, um esporte adaptado, de alto rendimento. Assim, a motivação do atleta para a prática de um esporte fica evidenciada nos achados da literatura. Para Pena (2014, p.663) o esporte paralímpico, como conteúdo da área da atividade física Adaptada é importante, pois caracteriza a principal prática corporal para pessoas com deficiências. Brazuna e Mauerberg de Castro (2001) afirmam que inserção da pessoa com deficiência no esporte adaptado representa uma competição do atleta contra si, quando inserido no esporte, o atleta vence barreiras, o que promove a melhoria de sua autoestima e imagem corporal e faz com que se sinta possibilitado a buscar seu desempenho máximo apesar de todos os desafios encontrados. Pena e colaboradores (2014) apoiados em Wilhiteb (2009) e Yazicioglu et al. (2012) afirmam que a participação em atividades esportivas produz diversos benefícios para pessoas com deficiência, independentemente da idade, tipo da deficiência ou modalidade praticada. Melhoras em aspectos físicos, motores, comportamentais, na qualidade de vida e aumento na auto-estima são observados nessa população, a partir da prática esportiva.

Em relação ao papel da motivação Siqueira e Ticianelli citando Dosil (2004) afirmam que a motivação seja o motor do esporte, pois esta explica as razões para a iniciação,

orientação, manutenção e abandono da prática esportiva, podendo ser determinada por fatores individuais, sociais, ambientais e culturais.

A partir dos dados obtidos na presente pesquisa acredita-se que as diferentes motivações para a prática do RCR podem levar à consequências positivas a curto prazo e até a longo prazo na vida das pessoas entrevistadas.

Viana e colaboradores (2015), ao investigarem os motivos que levam pessoas com deficiência física a praticarem um esporte adaptado citam o estudo de Palla (1997) o qual investigou as atitudes de deficientes físicos frente ao esporte e comparou com as atitudes dos indivíduos não deficientes. Para ambos os grupos, a participação no esporte leva à percepção de que estar envolvido em equipe, melhora o status social do indivíduo e estimula mecanismos de alívio das tensões; constitui-se ainda numa fonte de lazer que valoriza o indivíduo, amplia a criatividade e melhora a imagem corporal. Destaca ainda que o tempo de prática no esporte e o grau de escolaridade do atleta permitem o reconhecimento cognitivo desses benefícios e, numa perspectiva comportamental, diminuem a preocupação com a vulnerabilidade associada com sequelas da deficiência.

A motivação para a prática do esporte em geral está vinculada aos benefícios específicos para a pessoa que pratica. Goldemberg (1995) e McCann (1987) citados por Johnson et al. (2004), relatam que as fontes dos benefícios: a) benefícios físicos: aptidão geral, condicionamento cardiovascular, resistência cardiorrespiratória, força muscular, flexibilidade, controle postural, equilíbrio, adaptação às deficiências, readaptação musculoesquelética; e, b) benefícios psicológicos: melhor motivação, autoconfiança e autoestima, ajustamento pessoal, espírito competitivo, redução da ansiedade e proteção contra a tendência ao isolamento.

Verifica-se que a motivação dos participantes entrevistados a praticarem o RCR está fortemente relacionada com a possibilidade de melhoria na Qualidade de Vida (QV). Esteves et al. (2012, p.54) apoiados no conceito de qualidade de vida de 1995 da Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmam:

[...] a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (OMS)"... a definição deixa implícita a ideia do conceito subjetivo, multidimensional e inclui elementos de avaliação tanto positivos como negativos. Também reflete a subjetividade do construto inserida no contexto cultural, social e do meio ambiente (p.54).

Souza e Carvalho (2010) consideram o conceito de qualidade de vida amplo que de forma complexa incorporam aspectos da saúde, psicológicos, das relações sociais e crenças em relação ao ambiente. De acordo com Minayo et al. (2000) ao abordarem a qualidade de vida a partir de uma noção polissêmica afirma: “Qualidade de Vida é uma noção eminentemente humana, que tem relação com o grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social, ambiental e com a própria estética existencial (p. 8)”.

Quando se compara os dados do presente estudo com os da literatura é possível observar elementos e fatores que convergem para a melhoria na QV. É relevante ressaltar que cada pessoa entrevistada manifestou motivações e interesses distintos e percebe, de maneira própria, muito particular, como a prática do RCR pode mudar sua vida.

Outro fator de motivação que foi mencionado pelos participantes deste estudo foi a reabilitação, a qual apresenta-se definida como o “conjunto de atividades pedagógicas, sociais e terapêuticas que têm por objetivo auxiliar a pessoa a resgatar ou criar recursos de modo a recuperar-se da melhor forma possível, do impacto causado pela deficiência” (DE MARTINI, 2011, p. 2269). A QV e a Reabilitação em geral caminham juntos. Um vai favorecer o outro, e além disso cada pessoa vai precisar de um atendimento específico. Segundo De Martini (2011) a reabilitação pode assumir feições muito distintos para cada um. Vai demandar abarcar expectativas e desejos muito próprios sendo os resultados nem sempre os mesmos para todos.

A motivação relativa ao desejo de melhorar a qualidade de vida e evoluir na reabilitação física foram dois fatores relevantes surgidos nesta pesquisa que promovem o desejo para a prática de uma atividade física adaptada. Na presente pesquisa, pode-se observar que estes fatores permitiram favorecer o acesso à prática do RCR e a motivação para exercê-la constituindo-se em campos (QV e reabilitação) fundamentais a serem investidos e integrados para o desenvolvimento de estratégias de estimulação das pessoas com deficiência para a prática do esporte.

Os *apoios mais importantes* citados pelos participantes do presente estudo provêm de diferentes fontes e são apoios instrumentais, informativos e emocionais. Assim, verifica-se que a oferta de apoio ofertados pelas pessoas que compõem as redes de apoio são decisivos para a prática do RCR pelas pessoas com deficiência nos espaços esportivos.

As pessoas com deficiência física participantes do presente estudo tiveram sua rede de apoio social fortemente relacionada à família nuclear. Nenhum participante mencionou o

contexto familiar de forma negativa ou com efeitos que foram prejudiciais para seu desenvolvimento na vida diária como desportiva, ao contrário valorizam pais, mães e outros membros da família no incentivo à prática do RCR. Há participantes que relataram a falta dos recursos econômicos por parte da família para apoiar em sua formação como esportista, mas não falam de forma negativa ou como algo determinante para seu envolvimento na prática do RCR.

Fitzgerald e Kirk (2009) afirmam que a família de pessoas com deficiência demonstram apoio constituindo-se em uma arena significativa para a construção da identidade das pessoas. A família, ao se constituir num meio que favorece o acesso da pessoa com deficiência ao contexto esportivo promove a ampliação aos contatos interpessoais ao mesmo tempo em que diante de limitações lida com medos e incertezas presentes neste processo.

Conforme relatado nas entrevistas, o ambiente esportivo, por sua vez, ampliou as oportunidades dos participantes para relacionamento com outras pessoas. Corroborando com estes achados Massa, Uezu e Bohme (2010) indicam a importância da família e dos amigos na formação de duetos coesos e positivos capazes de potencializar as condições sociais para o desempenho de uma atividade esportiva.

Mahl, Bruniera, e Costa (2014) desenvolveram estudo com objetivo de investigar as contribuições do esporte adaptado para a inserção das pessoas com deficiência na sociedade. Em relação aos aspectos físicos sobressaem a promoção da qualidade de vida, reabilitação e melhoria na saúde. No que se refere aos aspectos psicológicos evidencia-se a melhoria na auto estima, redução do stress, melhoria no auto conceito e pensamentos positivos. Em relação aos aspectos sociais estão os benefícios relacionados ao aumento da rede de relacionamento de amizade no âmbito das modalidades esportivas adaptadas.

Outro suporte citado pelos participantes da presente pesquisa dentre aqueles considerados como *importantes* foram os serviços que são ofertados pelos programas governamentais nas esferas, federal, estadual e municipal. Um deles, de âmbito municipal, tem por objetivo fomentar o desenvolvimento e a prática esportiva de pessoas com deficiência.

As *necessidades para a prática do RCR* citadas pelos participantes deste estudo foram as relativas à falta de recursos financeiros para melhorar as condições de treinamento no cotidiano. Foram mencionadas necessidades de se contar com um técnico à disposição, profissionais especializados, melhoria no espaço físico relacionado à prática do esporte,

recursos financeiros, apoio dos staffs e ainda informações sobre a situação financeira dos clubes.

Para Mauerberg de Castro et al. (2016, p. 24) “poucos atletas captam recursos financeiros para manter sua dedicação exclusiva no esporte, investimentos quase sempre são do próprio bolso ou de suas Famílias”.

Os obstáculos mais frequentes citados pelos participantes do presente estudo recaem sobre os suportes instrumentais (a distância do local do treinamento, falta de acessibilidade, necessidade de recursos financeiros). Embora apenas um participante tenha citado, entende-se relevante comentar como um dos obstáculos, a falta de suporte emocional referente à necessidade de enfrentamentos para sair pela primeira vez para se conhecer a possibilidade de praticar um esporte. Evidenciam-se a importância de profissionais da saúde e educação estarem presentes nestes momentos, como por exemplo professores de educação física, treinadores e psicólogos.

São inegáveis os diversos impactos na vida de uma pessoa com deficiência física diante da alteração da sua nova condição para a prática de esporte e das exigências trazidas pelo contexto do treinamento esportivo. Para Cunha (2008, p. 14):

o esporte, uma forma especializada de atividade física, pode exigir dos atletas uma preparação intensa, incorrendo em situações como aumento da carga de treinamento em função do desempenho. Muitos atletas mantêm uma rotina árdua de treinamentos e uma disciplina rigorosa para o desenvolvimento de suas capacidades físicas, psicológicas, técnicas e táticas.

Os dados evidenciam ainda que os participantes têm recursos limitados para sair de casa e atingir suas metas tanto pessoais quanto coletivas. Acredita-se que tudo isso poderia acontecer de forma mais potente se ocorresse com base num trabalho conjunto onde apoios vindos de distintos contextos possam atender de forma mais eficaz as necessidades dos atletas.

Em síntese, os apoios mais importantes citados pelos participantes foram aqueles relacionados ao contexto familiar (pai, mãe, outros membros da família), ao contexto esportivo (clubes, equipes, staffs), ao contexto social mais amplo (amigos e profissionais) e o apoio vindo do contexto governamental (ex. Bolsa Atleta).

Evidencia-se assim um conjunto de apoios que constituem uma rede.

A dimensão sistêmica da rede de apoio fica evidenciada no estudo de (DABAS; PERRONE, 1999, p. 5) onde afirmam que podemos pensar nelas como redes sociais:

[...] dentro de uma concepção que concebe a realidade em termos de relações, padrões que se conectam. Nesse sentido, as redes sociais sempre existiram dentro de

uma realidade dinâmica e mutável, assumindo diferentes formas de relacionamento, interação, comunicação e intencionalidade. O importante é que os atores envolvidos nessas organizações se conscientizem da existência dessas redes, bem como dos administradores que geram intervenções por sua maior eficácia.

No caso dos participantes da presente pesquisa, evidenciam-se os possíveis benefícios para a vida das pessoas a partir dos apoios se ofertados de forma integrada, numa rede. Há, entretanto demandas específicas relatadas e situações distintas de atendimento às necessidades de cada pessoa que evidenciam a ausência de política de apoio à pessoa com deficiência física para a prática do esporte: “O problema no cenário do esporte adaptado é que as instituições públicas, instituições não governamentais e o setor privado estão longe de materializar um sistema de políticas públicas realistas e democráticas que resultem em soluções práticas a esses inúmeros desafios” (MAUERBERG DE CASTRO et al., 2016, p.25).

Ribeiro (2009, p. 77), ao abordar em seu estudo a relevância das redes de apoio social para o processo de reabilitação das pessoas com deficiência física, afirma:

Ficou bastante evidente a importância de considerarmos a heterogeneidade da rede social de pessoas que apresentam o mesmo problema e pertencem à mesma classe social. Essas pessoas apresentam dificuldades motoras e materiais similares, mas reagem diferentemente perante as limitações. Mostram, também, diferentes formas de estabelecer e manter os vínculos sociais e de conviver com a nova condição física, passando a ocupar novos papéis na estrutura familiar e social.

Em conclusão, verifica-se que a prática do RCR por pessoas com deficiência física leva a uma série de mudanças positivas para sua vida. Corroborando o que está descrito na literatura, os apoios percebidos tanto nos momentos iniciais para a prática da atividade esportiva (RCR) quanto para sua manutenção nesta ocupação esportiva exercem um papel fundamental para a promoção da sua qualidade de vida.

Por fim, com base na percepção das pessoas com deficiência física sobre os apoios recebidos e necessários para a prática do esporte adaptado, acredita-se que um caminho promissor seja a integração entre os apoios advindos dos diferentes contextos de sua vida numa perspectiva em rede.

6 Conclusão

O presente estudo apresenta resultados que podem ser incorporados em futuras pesquisas, bem como limitações. De um lado, descreve a percepção das próprias pessoas com deficiência física que praticam o RCR sobre os apoios para esta prática esportiva. Identifica um conjunto de necessidades, porém estão circunscritas apenas à amostra estudada. Sistematiza informações sobre aquilo que foi considerado positivo (presença de amigos e familiares, informações, apoio emocional...) e negativo (barreiras e necessidades não atendidas) para a prática do RCR a partir da experiência das pessoas participantes. A identificação dos apoios/barreiras pode trazer elementos para futuras pesquisas bem como estimular o desenvolvimento de ações e estratégias integradas (familiares, esportivas e políticas) para a promoção da qualidade de vida das pessoas com deficiência física praticantes do RCR.

7 Referências

ÁLVAREZ-VAZ, R.; RODRÍGUEZ, S.; ALESSANDRINI, D. *Aplicación de técnicas de análisis estadístico de textos a una encuesta con preguntas abiertas: comparación de los resultados obtenidos con post-codificación*. Uruguay: Universidad de la Republica, 2008.

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia*, Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007>. Acesso em: 20 ago. 2016.

AMENDOLA, F.; OLIVEIRA, M. A. D. C.; ALVARENGA, M. R. M. Influence of social support on the quality of life of family caregivers while caring for people with dependence. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 884-889, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000400013>. Acesso em: 20 ago. 2016.

ANDRADE, G. R.; VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 925-934, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000400023>. Acesso em: 20 ago. 2016.

AZEVEDO, P. H.; BARROS, J. F. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Águas Claras, v. 12, n. 1, p. 77-84, 2008.

BARRERA, M. Distinctions between social support concepts, measures and models. *American Journal of Community Psychology*, Washington, v. 14, n. 4, p. 413-445, 1986.

BRASIL. *Paraolímpico*. Manual de Comunicação da Secretaria de Comunicação Social do Senado Federal. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/paraolimpico-paralimpico>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BRASIL. *Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos*. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://portal.antaq.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/Os-Eventos-Mundiais-de-Esporte-no-Brasil-e-o-Desenvolvimento-M%C3%A1rcio-Fortes.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CABRAL, A. C. A utopia da igualdade: inclusão ou exclusão a pessoa com deficiência no meio da cidade. *Rev. Integrar*, 2003. Disponível em: <www.iefp.pt/iefp/publicações/Integrar>. Acesso em: 25 nov. 2006.

CASAS, F. M. G. *El análisis de escalamiento multidimensional: una alternativa y un complemento a otras técnicas multivariantes*. La Sociología en sus escenarios. Disponível em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/ceo/article/view/11450>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAYUELA, M. J. *Los efectos sociales del deporte: ocio, integración, socialización, violencia y educación*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB, 1997.

CLASSIFICATION AND SYSTEMS OF SUPPORTS. Washington: American Association on Mental Retardation, 1992.

DA COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

DA MATA, C. P. et al. A trajetória do atleta brasileiro com deficiência nos Jogos Paralímpicos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, 10., SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 16., 2017, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro, 2017.

DABAS, E.; PERRONE, N. *Redes en salud*. 1999. Disponível em: <<http://www.ccgsm.gob.ar/areas/salud/dircap/mat/matbiblio/redes.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

DUE, P. et al. Social relations: Network, support and relational strain. *Soc Sci Med*, Oxford, v. 48, n. 5, p. 661-673, 1999.

ESTEBAN, R. Á. Las preguntas de respuesta abierta y cerrada en los cuestionarios. Análisis estadístico de la información. *Metodología de Encuestas*, Salamanca, v. 5, n.1, p. 45-54, 2003.

FITZGERALD, H.; KIRK, D. Identitywork: Young disabledpeople, family and sport. *LeisureStudies*, UnitedKingdom, v. 28, n. 4, p. 469-488, 2009. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02614360903078659>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

FLORES AGUILAR, J. Efectividad del programa de estimulación temprana en el desarrollo psicomotor de niños de 0 a 3 años. *Ciencia y Tecnología*, Postgrado, v. 9, n. 4, p. 101-117, 2013. Disponível em: <<http://revistas.unitru.edu.pe/index.php/PGM/article/view/426>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

FONSECA, I. S. S.; MOURA, S. B. Apoio social, saúde e trabalho: uma breve revisão. *Psicol. Am. Lat.*, México, n. 15, p.1-8, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2008000400012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 jan. 2018.

GARCÍA MIRA, R.; SABUCEDO, J. M. Y.; ROMAY, J. *Psicología y Medio Ambiente*. Aspectos Psicosociales, Educativos y Metodológicos. ACoruña: Publiedisa / IAPS, 2002.

GRENIER, M. E. *La estimulación temprana: un reto del siglo XXI*. Organización de Estados Iberoamericanos: CELEP, 2000.

GRIEP, R. H. et al. Validade de constructo de escala de apoio social do Medical Outcomes Study adaptada para o português no Estudo Pró-Saúde. *Cad Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 703-714, 2005.

HAIACHI, M. C. et al. Reflections on the career of Brazilian Paralympic athletes. *Ciência & Saude Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 2999-3006, 2016.

HERSEN, M.; BARLOW, D. H. *Single case experimental designs strategies for studying behavior change*. New York: Pergamon press, 2009.

HOLANDA, C. M. D. A. et al. Support networks and people with physical disabilities: social inclusion and access to health services. *Ciência & Saude Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 175-184, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA E GEOGRAFIA - IBGE. *Censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INTERNATIONAL WHEELCHAIR RUGBY FEDERATION – IWRF. Disponível em: <[ftp://iwrf.com/Layperson Guide to Classification.pdf](ftp://iwrf.com/Layperson%20Guide%20to%20Classification.pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2017.

LAGAR, J. *Deporte y Discapacidad*. Redactor Deportivo de Radio Nacional de España en Extremadura. España: Exremadura, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

LEBART, L.; SALEM, A.; BÉCUE, M. *Análisis Estadístico de Textos*. Lleida: Ed. Milenio, 2000.

LIMA, F. T. I.; PEDROSO, J. S.; MAGALHAES, C. M. C. Redes de apoio de famílias de crianças em acolhimento institucional. *Rev. Subj.*, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 84-92, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 jan. 2018

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

MAHEU, R. *Deporte y cultura*. Argentina: Ministerio de Cultura y Educacion, 1965.

MARIEZKURRENA ITURMENDI, D. La historia oral como método de investigación histórica. *Gerónimo de Uztariz*, Espanã, n. 23/24, p. 227-233, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3264024>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

MATOS-SOUZA, J. R. et al. Physical activity is associated with improved subclinical atherosclerosis in spinal cord injury subjects independent of variation in traditional risk factors. *Int J Cardiol.*, Netherlands, v. 167, n. 2, p. 592-3, 2013.

MAUERBERG DE CASTRO, E. et al. Fatores que afetam a carreira esportiva de alto rendimento do atleta com deficiência: uma análise crítica. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, Marília, v.17, n. 2, p. 23-30, 2016b.

MEIRELLES, B. H. S. *Redes sociais em saúde: desafio para uma nova prática em saúde e enfermagem*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

MENDOZA, D. F. *La estimulación temprana: enfoques, problemáticas y proyecciones*. La Habana, 1999. Disponível em: <www.oei.es/inicial/articulos/enfoques_estimulacion_temprana.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2016.

MEYER, E.; OLIVERA DE BONFIL, A. La historia oral. Origen, metodología, desarrollo y perspectivas. *Historia Mexicana*, México, v. 21, n. 2, p. 372-387, 1971.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MINKLER, M. Building supportive ties and sense of community among the innercity elderly: the Tenderloin Outreach Project. *Health Educ Q*, New York, v. 12, n. 4, p. 303- 314, 1985.

OLIVEIRA, M.L.S.; BASTOS, A.C.S. Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. *Psicol. Reflex. Crít.*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 97- 107, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. *WHO global disability action plan 2014-2021*. OMS. Disponível em: <<http://www.who.int/disabilities/actionplan/en/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. *Informe mundial sobre la discapacidad*. Ginebra, 2011.

PACIOREK, M. J. Esportes adaptados. In: WINNICK, J. P. *Educação física e esportes adaptados*. Barueri: Manole, 2004. p.37-52.

PARK, S.; LAVALLEE, D.; TOD, D. Athletes' career transition out of sport: a systematic review. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, v. 6, n. 1, p. 22-53, 2013.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Espanha, 2001. Disponível em: <<http://www.rae.es/rae.html>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

REINA, R. Inclusión en deporte adaptado: dos caras de una misma moneda. *Psychology, Society, & Education*, España, v. 6, n. 1, p. 55-67, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ual.es/handle/10835/3278>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

REINA, R.; MENAYO, R.; Y SANZ, D. Cómo se organiza el deporte adaptado a las personas con discapacidad física. In: PALAU, J. et al. *Deportistas sin adjetivos*. El deporte adaptado a las personas con discapacidad física. Madrid: Cromagraf., 2011. p. 117-132.

RIBEIRO, K. S. Q. S. A relevância das redes de apoio social no processo de reabilitação. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, Paraíba, v. 13, n. 2, p. 69-78, 2010.

RODRÍGUEZ GARCÍA, A.; LUQUE PÉREZ, R.; NAVAS SÁNCHEZ, A. Usos y beneficios de la historia oral. *Rei do crea*, Granada, v. 3, n. 24, p. 193-200, 2014. Disponível em: <<http://digibug.ugr.es/bitstream/10481/32326/6/ReiDoCrea3-A24.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

RODRÍGUEZ MARTIN, L. M. *Las personas con discapacidad y su integración en el deporte*. Espanha: Universidad de La Laguna, 2015.

SCHALOCK, R. L. *Hacia una nueva Concepción de la Discapacidad*. In: JORNADAS CIENTÍFICAS DE INVESTIGACIÓN SOBRE PERSONAS CON DISCAPACIDAD, 3., 1999, España. *Anais...* Universidad de Salamanca: España, 1999.

SCHALOCK, R. La nueva definición de Discapacidad Intelectual, apoyos individuales y resultados personales. *Revista Española sobre la Discapacidad Intelectual*, Españã, v. 40, n. 229, p. 22-39, 2009. Disponível em: <<http://sid.usal.es/idocs/F8/ART11724/Schalock.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

SEGURANÇA SOCIAL. *Redes Social 2014*. Disponível em: <<http://www.seg-social.pt/a-rede-social>>. Acesso em: 24jan. 17.

SLUZKI, C. E. *A rede social na prática sistêmica - alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SLUZKI, C. De cómo la red social afecta la salud del individuo y la salud del individuo afecta a la red social. In: DABAS, E.; NAJMANOVICH, D. (Orgs.). *Redes, el lenguaje de los vínculos*. Argentina: Editora Paidós, 1995. p. 114-123

TEIXEIRA, G. A. S. *Família e escola: considerações sobre o papel social dessas instituições na sociedade contemporânea*. Dourados: UFGD, 2014.

THOMPSON, P. *La voz del pasado*. Historia oral. Valencia: Edicions Alfons el Magnàmin, 1988.

VALLA, V. V. Educação Popular, Saúde Comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 7-14, 1999. Suplemento 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1999000600002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 ago. 2016.

VARELA, A. Desporto para as pessoas com deficiência. *Revista Educação Especial e Reabilitação*, Lisboa, v. 1, n. 5/6, 1989.

VERDUGO ALONSO, M. Á. *Aportaciones de la definición de retraso mental (aamr, 2002) a la corriente inclusiva de las personas con discapacidad*. Donostia-San Sebastián, 2003. Disponível em: <<http://sid.usal.es/idocs/F8/FDO6569/verdugo.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

ANEXO

ANEXO A – Parecer do comitê de ética

UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Percepção de atletas com deficiência física sobre os apoios múltiplos ofertados para o exercício do esporte

Pesquisador: Marco Antonio Guevara Becerra

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 62676916.1.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.888.237

Apresentação do Projeto:

Considerando a importância de se descrever os apoios presentes no cotidiano das pessoas com deficiência física e de conhecer aqueles que tiveram um significado positivo para a prática do esporte, a partir da perspectiva do próprio atleta, a presente pesquisa tem por finalidade identificar as percepções de 10 atletas com deficiência física, que realizam um esporte adaptado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Objetivo Geral

Descrever a percepção de atletas com deficiência física sobre os apoios múltiplos ofertados e recebidos nos contextos de vida para o exercício do esporte.

Objetivo Secundário:

Objetivos Específicos

Identificar os apoios recebidos pelos atletas ao longo de sua vida. Identificar a relação apresentada pelos atletas entre os apoios recebidos e a prática do esporte adaptado.

Dis

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Telefone: (16)3351-9683

CEP: 13.565-905

Município: SAO CARLOS

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 1.888.237

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Acredita-se que o projeto apresenta riscos mínimos para as participantes, mas mesmo assim serão tomados todos os cuidados para garantir tratamento ético dos participantes em todas as etapas da pesquisa, ou seja, cuidados para não haver prejuízos de ordem física, psicológica, emocional, cultural e social. Apesar de o estudo envolver a aplicação de entrevista, serão tomados todos os cuidados para que a mesma não seja invasiva à intimidade e rotina dos participantes como não atrasar e não ocorrer falta do pesquisador. No entanto, caso as participantes tiverem qualquer tipo de desconforto, a pesquisa poderá ser interrompida. Neste contexto, o pesquisador se responsabilizará em tranquilizar os participantes, auxiliar na superação do risco e promover melhora do seu bem-estar.

A recusa das participantes em qualquer etapa da pesquisa não trará prejuízo em sua relação com o pesquisador. As dúvidas dos participantes poderão ser esclarecidas durante toda coleta de dados. Por fim, serão utilizados todos os procedimentos de proteção aos participantes da pesquisa. Para prover segurança, privacidade e confidencialidade dos participantes, os mesmo não serão identificados, recebendo apenas um código de identificação e nomes fictícios. Cabe ressaltar, que as informações coletadas não serão fruto de curiosidades pessoais e a pesquisa não acarretará nenhum custo ou auxílio financeiro para os participantes.

Benefícios:

Acredita-se que a pesquisa apresentará muitos benefícios para os participantes de ordem direta e indireta.

Benefícios diretos:

1. Reconhecimento da importância dos suportes recebidos ao longo dos contextos de vida.
2. Identificação dos elementos que compõem as redes de apoio para benefício pessoal e social na prática do esporte.

Benefícios indiretos:

1. Conhecer e difundir os diferentes tipos de programas que são fornecidos pelo governo para a realização de um esporte adaptado.
2. Disseminar a importância do apoio dado pelos diferentes contextos para uma pessoa com deficiência física alcançar progresso na sua carreira.
3. Beneficiar os participantes do estudo frente aos resultados, por meio do cumprimento dos

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Telefone: (16)3351-9683

CEP: 13.565-905

Município: SAO CARLOS

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 1.888.207

compromissos sociais previstos nesta investigação.

4. Sistematizar e disseminar o conhecimento referente as redes de apoio a pessoas com deficiência física e que realizam um esporte adaptado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta relevância para área de estudo que se destina, de modo a compor uma pesquisa de interesse acadêmica e social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O termos de apresentação obrigatória estão bem argumentados e estruturados como o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, com a apresentação dos riscos e benefícios, além do cronograma e folha de rosto com assinaturas dos responsáveis.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_827616.pdf	18/11/2016 10:41:36		Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	18/11/2016 10:39:29	Marco Antonio Guevara Becerra	Aceito
Outros	RÓTEIRO_DE_ENTREVISTA.pdf	17/11/2016 10:49:29	Marco Antonio Guevara Becerra	Aceito
Outros	risco_beneficio.pdf	17/11/2016 10:48:00	Marco Antonio Guevara Becerra	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOS_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO.pdf	17/11/2016 10:48:22	Marco Antonio Guevara Becerra	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_final.pdf	17/11/2016 10:47:59	Marco Antonio Guevara Becerra	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	17/11/2016 10:47:30	Marco Antonio Guevara Becerra	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SÃO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 1.888.237

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 10 de Janeiro de 2017

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

APÊNDICES

Apêndice A

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (aos atletas)

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Percepção de atletas com deficiência física sobre os apoios múltiplos ofertados para o exercício do esporte” sob a responsabilidade do acadêmico Marco Antonio Guevara Becerra, regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – PPGEs/UFSCar e sob a orientação da pesquisadora Profa. Dra. Claudia Maria Simões Martinez. O presente estudo tem por objetivo descrever a percepção de atletas com deficiência física sobre os apoios ofertados para o exercício do esporte pelos diferentes contextos de vida. Além disso, visa identificar a relação apresentada pelos atletas entre os apoios recebidos e a prática do esporte e dessa forma, reconhecer a importância dos suportes para uma pessoa com deficiência física que desenvolve um esporte. Você foi selecionado(a) para participar voluntariamente da pesquisa e responder por meio de uma entrevista sua percepção sobre: sua formação como paraatleta, os apoios ofertados pelas pessoas ao longo de sua vida, os contextos e apoios que tiveram mais interferência na sua vida e por fim efeitos desse apoio. Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa na pesquisa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador. Todas as etapas de coleta de dados serão gravadas. O estudo implica em benefícios aos participantes e demais envolvidos, pois identifica os elementos de uma rede de apoio. Após o término da pesquisa, o pesquisador ficará responsável por dar uma devolutiva necessária aos participantes. Durante a entrevista, caso você sinta desconforto, a pesquisa poderá ser interrompida e o pesquisador estará presente para esclarecer eventuais dúvidas, assim como para dar suporte sobre todas as perguntas da entrevista. Serão tomados todos os cuidados para garantir um tratamento ético dos participantes, como não atrasar e não ocorrer falta do pesquisador. Devido à pesquisa acontecer no próprio local de trabalho ou residência dos participantes não haverá riscos relacionados com o transporte e deslocamento. O único risco que se vislumbra seria uma possível interferência na rotina da casa ou da escola. Caso isso aconteça as entrevistas serão imediatamente suspensas. O pesquisador terá todo o cuidado ético para não atrapalhar a rotina dos participantes. Os resultados da pesquisa serão enviados para você, sendo que o seu anonimato será mantido. Os dados coletados durante o estudo serão analisados e apresentados sob a forma de relatórios e divulgados por meio de reuniões científicas, congressos e/ou publicações, com a garantia de seu anonimato. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador principal - Marco Antonio Guevara Becerra - Tel.: (16) 982712468

Al das Rosas 290, ap.01, Cidade Jardim. E-mail: lic.marcogb@hotmail.com

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em

Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos-SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

São Carlos, ____ de _____ de ____ .

Assinatura do Sujeito de Pesquisa

Apêndice B - Roteio de entrevista

Bloco I Dados pessoais e caracterização dos participantes
Bloco II INTRODUÇÃO AO TEMA
A. Primeiras experiências com um esporte adaptado: <ol style="list-style-type: none">1. Como se deu sua primeira experiência com um esporte adaptado?2. E o seu contato com esporte adaptado, como foi possível?3. O que o motivou a fazer um esporte adaptado?
B. Apoios recebidos: <ol style="list-style-type: none">1. Ao longo de sua trajetória como esportista, que tipo de apoio há sido o mais importante para você? (Família, político/ governo, outros)2. O que tipo de apoio atualmente recebem para praticar o esporte adaptado?
Bloco III NARRATIVAS SOBRE OS APOIOS
A. Narrativa sobre apoios recebidos pela família: <ol style="list-style-type: none">1. A que idade recebeu o primeiro apoio para fazer o esporte adaptado?2. Qual foi o principal apoio dado por sua família?3. Qual foi o obstáculo mais frequente?4. Você já teve ou terá de realizar um tipo de compensação para esse apoio?
B. Narrativa sobre apoios recebidos pelos programas políticos / programa governamental: <ol style="list-style-type: none">1. A que idade recebeu o primeiro apoio para fazer o esporte adaptado? Que programa foi?2. Qual foi o principal apoio outorgado?3. Qual foi o obstáculo mais frequente?4. Você já teve ou terá de realizar um tipo de compensação para esse apoio?
C. Narrativa sobre apoios recebidos por outros contextos: _____ 1.A que idade recebeu o primeiro apoio para fazer o esporte adaptado? Quem foi? <ol style="list-style-type: none">2. Qual foi o principal apoio outorgado?3. Qual foi o obstáculo mais frequente?4. Você já teve ou terá de realizar um tipo de compensação para esse apoio?
Bloco IV FECHAMENTO
A. Narrativa sobre apoios recebidos por outros contextos <ol style="list-style-type: none">1. Existe uma relação com entre tipos de apoios que você recebe atualmente?2. O apoio que recebeu estão a ser devidamente publicitados para que mais pessoas recebê-los

Apêndice C - Cálculo para índice de concordância

critério: c = até 3 itens coincidentes

Motivação para a prática do esporte adaptado (75%)

IDENTIFICAÇÃO	MOTIVAÇÃO m1	EFEITO DA MOTIVAÇÃO PARA PRÁTICA DO ESPORTE m	MOTIVAÇÃO m1	EFEITO DA MOTIVAÇÃO PARA PRÁTICA DO ESPORTE
P1	Emocional	Família	Emocional	Emocional
P2	Emocional Moral	Social	Emocional	Social
P3	Psicológico	Social	Emocional	Ter saúde
P4	Emocional Moral	Social	Emocional	Social
P5	Psicológico	Social	Emocional	Ter saúde
P6	Emocional	Social	Emocional	Social
P7	Emocional	Social	Emocional	Social
P8	Emocional	Social	Emocional	Social
P9	Emocional	Social	Emocional	Social
P10	Emocional	Social	Social	Emocional

$$C = \frac{9}{9 + 3} \times 100 = 75\%$$

C+
D

Apoios mais importantes para a prática do esporte adaptado (72,7)%

C

----- X 100 8 / 8+3 x 100 = 72,7%

C+D

IDENTIFICAÇÃO	APOIO m1	CONTEXTO m1	APOIOm2	CONTEXTOm 2
P1	Moral/ financeiro	Familiar	(apoio financeiro)Pai)	Familiar
P2	Infraestrutura	Social	Equipe (infra estrutura espaço)	Social (clube)
P3	Emocional	Social	Emocional	Familiar
P4	Emocional	Social/ familiar	Amigos e família (apoio financeiro e emocional)	Familiar e Social
P5	Emocional	Social/ familiar	Mãe e Time (emocional)	Familiar e Social (time)
P6	Psicológico	Social	Profissionais especializados (Instrumental)	Esportivo (time)
P7	Emocional	Social	Informacional (patrocínios)	Esportivo
P8	Financeiro	governamental	Instrumental (financeiro)	Governamental
P9	Moral/ infraestrutura	Social	Instrumental Espaço da prática esportiva (infra estrutura) e recursos humanos	Esportivo (clube)
P10	Instrumental	Social	Emocional e instrumental Família e staffs (financeiro)	Familiar e esportivo clube